

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB

Faculdade de Educação - UAB/UnB/ MEC/SECAD

Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com
Ênfase em EJA

JOSÉ NILDO DE SOUZA

**PROJETO DIVERSIDADE
OU
A CONSTRUÇÃO DO SER SOCIAL:**

As influências da linguagem corporal na ressocialização de
jovens e adultos condenados a pena de prisão.

Relatório de Experiência

BRASÍLIA, DF

Julho de 2010.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Educação - UAB/UnB/ MEC/SECAD
Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com Ênfase em
EJA

**PROJETO DIVERSIDADE
OU
A CONSTRUÇÃO DO SER SOCIAL:**

As influências da linguagem corporal na ressocialização
de jovens e adultos condenados a pena de prisão.

Relatório de Experiência

JOSÉ NILDO DE SOUZA

Profª Orientadora: Elizabeth Danziato Rego

Profº Tutor: Airan Almeida de Lima

RELATÓRIO DE EXPERIÊNCIA DO PROJETO DE INTERVENÇÃO LOCAL

BRASÍLIA, DF Julho/2010

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Educação - UAB/UnB/ MEC/SECAD
Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com Ênfase em
EJA

JOSÉ NILDO DE SOUZA

**PROJETO DIVERSIDADE
OU
A CONSTRUÇÃO DO SER SOCIAL:**

As influências da linguagem corporal na ressocialização
de jovens e adultos condenados a pena de prisão.

Relatório de experiência.

Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Educação na Diversidade e
Cidadania, com Ênfase em EJA, como parte dos requisitos necessários para obtenção
do grau de Especialista na Educação de Jovens e Adultos

Elizabeth Danziato Rego

Professora Orientadora

Airan Almeida de Lima

Tutor Orientador

Rogério de Andrade Córdova

Avaliador Externo

BRASÍLIA, DF Julho/2010

Dedico este projeto a todos aqueles que acreditam na reintegração de jovens e adultos condenados à pena de prisão; aqueles que não menosprezam a fraterna beatitude da ternura e da compaixão presente nos corações de todos os seres, fruto e processo das interações que se constroem com as emoções vividas - os símbolos restauradores da vida presentes na alma das Obras de Arte, os laços solidários que fertilizam a reconstituição dos arquétipos criadores de signos e formas originais de criação artística.

Agradecimentos

À Prof^a Orientadora, Elizabeth Danziato Rego pela motivação dedicada à temática da pesquisa propondo caminhos de aprendizagens para situações de ensino focadas na diversidade de paradigmas e estratégias metodológicas para fomentar atuações ressocializadoras para jovens e adultos condenados à pena de prisão.

Ao Prof^o Tutor e companheiro de jornadas educativas na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Airan Almeida de Lima, pelo acompanhamento nos fóruns colaborativos de aprendizagem e partilhas solidárias na busca de caminhos viáveis para intervenção ressocializadora no contexto de jovens e adultos em situação de restrição de liberdade.

Ao corpo gestor e coordenadores do Curso de Especialização em Educação e Diversidade na Cidadania com Ênfase em Educação de Jovens e Adultos

Aos colegas da Turma “E” e demais alunos (as) pela apreciação dos textos poéticos que concebi e relatei nos fóruns colaborativos na tentativa de impulsionar estratégias alternativas de ensino em EJA para amplos segmentos visando à integração de processos pedagógicos humanizadores entre os profissionais da educação e situações de aprendizagem que procuram a reunificação das dimensões expressivas dos nossos sujeitos aprendizes em seus aspectos criadores e socioafetivos revitalizadores.

Ao Complexo Penitenciário da Papuda e Penitenciária Feminina do Distrito Federal - diretores, professores, alunos (as) sentenciados (as), policiais, agentes e técnicos.

A Diretoria Executiva da FUNAP.

A Administração da SESIPE (Subsecretaria do Sistema Penitenciário).

“A utopia está no horizonte/Me aproximo dois passos/Ela se afasta dois passos/Caminho dez passos/E o horizonte corre dez passos/Por mais que eu caminhe/Jamais alcançarei/Para que serve a utopia?/Serve para isto: para que eu não deixe de caminhar”.

Eduardo Galeano.

“Talvez uma das lições mais dramáticas e importantes que aprendemos nos últimos três anos é a de que todos os elementos de nossa sociedade refletem e se caracterizam por trezentos anos de dominação colonial e pelo apartheid. O país que herdamos é essencialmente estruturado de forma a nos negar a possibilidade de atingir a meta de uma nova sociedade centrada no povo”.

Nelson Mandela

“Um ser que se busca” /Eis aquele que é sabedor do que ignora/E daquilo mesmo que ignora, sente que é aprendiz/ Um ato político nasce, então, do amor pelo que vive/Estando oprimido, excluído ou mesmo encarcerado percebe uma autoconsciência no seu próprio ser que agora é locutor de sua fala/Um diálogo torna o coração e a alma clara/Reconhece que a incompletude do que sabe forma a construção dos outros membros/ um “nós” de pés, ombros, mãos, braços que semeiam abraços.

Uma tentativa de poematizar a libertação freireana
José Nildo de Souza

Resumo

Trata-se de um Projeto de Intervenção Local sobre *A Linguagem Corporal Reclusa e suas Influências na Aprendizagem Ética e Estética dos Educandos (as)*, analisando como os modos de conduta, hábitos e posturas próprios da natureza da instituição prisional – procedimentos disciplinares de segurança, vigilância e punitividade – atua na relação professor aluno e propõe alternativas que possam incluir na formulação de parâmetros curriculares os condicionantes identitários do ser carcerário – o estado sensório/psíquico/emotivo do corpo recluso, os fenômenos protagonizadores de gênero, classe social, etnia e crença propícia aos porões penitenciários, a saber: mães negras solteiras, moradores das periferias suburbanas, assentamentos populacionais abandonados de cuidados básicos de higiene e escoamento de esgoto, luz elétrica e água potável, caracteres que estigmatizam gerações inteiras de jovens, adultos, mulheres, adolescentes e crianças.

A fundamentação do Projeto de Intervenção Local “A Construção do Ser Social”¹ trata de apresentar a linguagem corporal de Jovens e Adultos que se encontram em situação de restrição de liberdade. O trajeto reflexivo que o curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania com Ênfase em EJA demarca a preocupação dos educadores no redirecionamento de proposições e práticas educativas que possam evidenciar ações colaborativas entre as vivências dos nossos sujeitos aprendizes, o seu fazer específico dotado de temas próprios, estilos e modos de ser – índios, quilombos, camponeses – com as argumentações temáticas emergentes deste meio de atuação – meio ambiente, reconhecimento de gênero e sexualidade, relações étnico raciais, educação especial e inclusiva.

Incluem-se nesta jornada as possibilidades educativas da formação para o mundo do trabalho, os modos peculiares de se fazer educação partindo das especificidades dos sujeitos jovens e adultos, bem como os fenômenos reintegradores dos educandos (as) sentenciados (as). A necessária contextualização da história de suas vidas demonstra o perfil do educando (a) preso (a) que constitui base e capilaridade para a fundamentação do projeto interventivo local: *atuação com populações penitenciárias de vulnerabilidades criminais, drogadição, profundos estágios de exclusão social, estigma de origens de classe, presença identitária de uma etnia racial propícia aos fenômenos da reclusão criminalizatória e preconizadora de*

¹ Módulo VIII, Tópico “Fórum EJA Trabalhadores e Aspectos Político-Pedagógicos”. Especialização em Educação na Diversidade com Ênfase em EJA. UnB/FE. De Junho de 2009 a Julho de 2010. Trabalho de Curso do Profº José Nildo de Souza

gêneros coletivos especificamente determinados aos porões penitenciários punitivos - mães negras solteiras, moradores das periferias suburbanas, assentamentos populacionais abandonados de cuidados básicos de higiene e escoamento de esgoto, luz elétrica e água potável².

Estes caracteres que estigmatizam gerações inteiras de jovens, adultos, mulheres, adolescentes e crianças representam processos de exclusão impostos historicamente – fenômeno paradigmático de luta de classes e sobreposição de gêneros, crenças e etnias que constitui o “cerne” da formação social brasileira - suplantados por uma mentalidade ou atitude de apropriação individualista do saber e das áreas curriculares. O cenário descrito legitima a execução de normas, regras e formas de controlar os modos de se conceber e exercer a prática pedagógica dos educadores na seleção, planejamento e organização dos conteúdos, métodos e formas de produção do conhecimento e do saber do nosso sujeito aprendiz.

Contudo, o mergulho na diversidade nativa das origens culturais brasileiras vem descortinando ações pedagógicas de raízes plurais que convivem, ora com proposições solidárias, ora com estados de tensionamento conflituoso. Neste quadro que se configura, *co-existe uma experiência exitosa: o Projeto “A Construção do Ser Social”, criado pelo educador penitenciário, professor José Nildo de Souza, que utiliza inovadora técnica da Teatralidade Precária³ na ressocialização de detentos. Esta prática é institucionalizada pelo convênio entre a Secretaria de Educação do Distrito Federal - SEEDF e a Fundação de Amparo ao Trabalhador Preso – FUNAP⁴.*

Quando a Arte na Educação de Jovens e Adultos condenados a pena de prisão pode promover a Construção do Ser Social: vídeos e fotografias

Por meio de uma exposição rotativa em todo o sistema penitenciário, desta forma a metodologia abrangerá demandas para sua própria aplicabilidade – vídeo e fotografia – possibilitando a utilização em amplos segmentos educacionais penitenciário em função mobilidade e praticidade.

A exposição integra palestra, música, formação em artes dramáticas, roteiro para cinema e vídeo, formação profissional, equipes de aperfeiçoamento e

² Cartilha do Ser Social, José Nildo de Souza, Brasília, julho de 2007.

³ Linguagem Corporal Reclusa que o autor chama de “precária” em função das condições mínimas de recursos que podem estar presentes nas aulas de arte, em educação prisional. No ator reside a essência do teatro e isto estimula a busca por formas de expressão mais estéticas, contribuindo para a construção do ser social. (Souza, 2006).

⁴ “A Ressocialização de Detentos Através da Teatralidade Precária” - O caso do Sistema Penitenciário do Distrito Federal. Jadete Nóbrega Rodrigues, MEC/ENAP, 2008.

capacitação de agentes sociais multiplicadores de identidade de gênero, classe e etnia em ambientes vulneráveis socialmente.

Ao final da mostra fotográfica e exibição de vídeo, a mérito doativo, pretende-se entregar as famílias dos alunos autores ficando sob a guarda da Secretaria de Estado de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania, Fundação de Amparo ao Trabalhador Preso, Secretaria de Estado de Segurança Pública, Secretaria de Estado de Educação, até que toda a obra seja devidamente colocada e distribuída e em exposição permanente sobre medidas socioeducativas e princípios pioneiros em EJA nas Prisões – experimentações e situações diferenciadas de aprendizagem em instituições penais. Incorporar as ações da exposição “A Construção do Ser Social” nas agendas dos programas oficiais de políticas de inclusão social, DST-AIDS, Centro de Atenção Psicossocial para Álcool e Drogas, Coordenação Nacional do Ministério da Saúde, Centros de Orientação Socioeducativa, Ministério da Educação, entre outros.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Figura 1: A Linguagem Corporal Reclusa ou A Teatralidade Precária_____	20
Figura 2: Referenciais p/ uma Matriz Curricular em EJA_____	23
Figura 3: A Construção do Ser Social. Identidade de Gênero, Classe e Etnia_____	26
Figura 4: O Ciclo da Vida na Cena Detida_____	28
Figura 5: A Linguagem Corporal Reclusa. Identidade de Gênero, Classe e Etnia____	32
Figura 6: O Nascimento de Todas as Cores_____	35
Figura 7: O Abraço que Redime_____	36
Figura 8: A Cena Detida_____	40
Figura 9 – A Cena Detida II_____	47
Figura 10: A Cena Detida III _____	51
Figura 11:Portfólio para oficinas, laboratório, cursos de formação, projetos e programas_____	59
Figura 12: Por um protagonismo de sujeito enquanto ente coletivo_____	66
Figura 13: Ascensão Espiritual _____	67
Figura 14: Os pés foram lavados na fonte do coração_____	78
Figura 15: A Redenção das Crenças a Paz Universal _____	81
Figura 16: Pode-se definir o sujeito como uma qualidade fundamental da realidade_	82

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Quantidade de internos por grau de instrução_____	42
Gráfico 2: A instrução escolar dos educandos de EJA do PIL_____	44
Gráfico 3: Faixa Etária dos educandos de EJA no PIL_____	45
Gráfico 4: Quantidade de internos por faixa etária no Presídio_____	46
Gráfico 5: Contribuição do PIL na ressocialização dos internos / internas_____	48
Gráfico 6: Preparo emocional para enfrentar situações de confinamento_____	50
Gráfico 7: Adaptações Curriculares para o PIL _____	51
Gráfico 8: Tempo que lecionam nos presídios do DF_____	53
Gráfico 9: A Equação Social I: Crime X Instrução em EJA_____	55
Gráfico 10: A Equação Social II: Prisão X Instrução Socializadora_____	55
Gráfico 11: A Equação Social III: Pena de prisão X Aplicação do PIL_____	57
Gráfico 12: Equação Social IV: PIL X Permanência na Escola Carcerária_____	57
Gráfico 13: A Opção dos Educandos Presos por participarem das atividades e situações de aprendizagem geradas com a vivência do PIL_____	57
Gráfico 14: Quantidade de internos em programas de laborterapia_____	58
Gráfico 15 - Trabalho interno na Penitenciária da Papuda_____	59
Gráfico 16 - A Importância da Ressocialização e o PIL_____	63
Gráfico 17 - O PIL: Instrumento Protagonizador da Ressocialização_____	63
Gráfico 18 - A Linguagem Corporal Reclusa e o Ser Social _____	64

LISTA DE ABREVIATURAS OU LISTA DE SIGLAS

ATP: Ala de Tratamento Psiquiátrico.

CDP (antigo Núcleo de Custódia): Centro de Detenção Provisória;

CIR: Centro de Internamento e Reeducação

CONAD: Conselho Nacional Antidrogas

CPP: Centro de Progressão Provisória

CTARD: Comunidade de Trabalho/Aprendizagem em Rede na Diversidade

CUFA/DF: Cine Periferia

DHESCA: Relatoria Nacional para o Direito Humano À Educação, Plataforma DHESCA Brasil

DIRASE/FUNAP: Diretoria de Assuntos Educacionais e Sociais

DIREX: Diretoria Executiva

EJA: Educação de Jovens e Adultos

ENAP: Escola Nacional de Administração Pública

FACTED: Faculdade De Tecnologia Equipe Darwin

FISC: Fórum Internacional da Sociedade Civil

FUNAP: Fundação de Amparo ao Trabalhador Preso

GENPEX: Grupo de Ensino, Pesquisa, Extensão em Educação popular, Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais

GTEAD: Aprendizagem, Tecnologia e Educação a Distância

LEP: Lei das Execuções Penais

MS: Ministério da Integração Social

NEPET: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Trabalho

Pastoral Carcerária

PCNs: Parâmetros Curriculares Nacionais

PDF I: Penitenciária I do Distrito Federal

PDF II: Penitenciária II do distrito Federal

PFDF: Penitenciária Feminina do Distrito Federal

PNUD: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PRODEESP: Programa de Educação Especial e Saúde Pública

SECAD: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

SEE-DF: Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal

SEJUS/DF: Secretaria de Estado de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania do Distrito Federal

SENAC: Serviço Nacional do Comércio

SESI: Serviço Social da Indústria

SESIPE: Sub-Secretaria do Sistema Penitenciário.

SINASE: Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo

SSP: Secretaria de Estado de Segurança Pública

UnB: Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 CONCEPÇÃO	20
3 RELATÓRIO	25
3.1 O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO	36
3.2 DIAGNÓSTICO	38
3.3 PERFIL DO EDUCANDO ENCARCERADO	39
3.4 QUEM SÃO OS PROFESSORES QUE ATUAM EM PRESÍDIOS NA FUNAP?	47
3.5 CLASSES SOCIAIS, ETNIAS E GÊNEROS PRESENTES NOS PORÕES CARCERÁRIOS	53
3.6 CONTEÚDOS, HABILIDADES E COMPETÊNCIAS RESSOCIALIZADORAS E SOCIOEDUCATIVAS	62
3.7 SÍNTESE DA LINGUAGEM CORPORAL RECLUSA OU TEATRALIDADE PRECÁRIA	65
3.8 ROTEIRO DE ATIVIDADES	65
3.9 SUGESTÕES DE ATIVIDADES	74
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES - A LINGUAGEM CORPORAL RECLUSA OU A TEATRALIDADE PRECÁRIA: UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA	76
5 REFERÊNCIAS	84

1 INTRODUÇÃO

O significado dos ambientes colaborativos de aprendizagem abriu amplas perspectivas educacionais e propostas pedagógicas inquietantes em educação de jovens e adultos – *Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede (CTAR), Concepção de Diversidade sob a perspectiva de Populações e temas específicos, o mundo do trabalho, instrumentos ressignificadores para a avaliação da aprendizagem, a subjetividade e a cultura do sujeito de aprendizagem de EJA, formulação de políticas públicas, experimentações pedagógicas e interventivas*¹ - com discursos valorativos, filosóficos e críticos que exprimem o potencial humano e criador apesar de ofuscado pela lógica científica.

Há um horizonte de perspectivas abrangentes mediadas por discussões efervescentes: fóruns regionalizados, agenda territorial, conferências internacionais, concepções de educação à distância (CTAR), conceitos de diversidade aliados à educação na cidadania, as culturalidades fenotípicas que abrangem as populações específicas de EJA com suas perspectivas temáticas: a pluralidade oral, lingüística, ancestral e xamânica indígena - os saberes medicinais das plantas benzedadeiras e de cura; os quilombos revisitados pela matriz tropicaliente da brasilidade; os matutos camponeses e as rodas multiculturais de outras epistemes; o Meio Ambiente e a Práxis do Sujeito Ecológico; Educação para o Reconhecimento do Gênero e a Diversidade Sexual; Educação das Relações Étnico-Raciais; Educação Especial na perspectiva do pluralismo pedagógico²; sistematização de experiências e elaboração de projetos; a identidade contextual e existencial dos sujeitos da educação de jovens e adultos e os trabalhadores; legislação e políticas públicas; as bases teóricas metodológicas das proposições pedagógicas; o mundo do trabalho dos sujeitos aprendizes; o Projeto de Intervenção Local.

As complexas situações conflituosas vividas por nossos sujeitos aprendizes em situação de restrição de liberdade fluem emoções e relatos vividos em seus próprios sentidos existenciais - seus processos identitários de gênero/classe/etnia e crença, os sofridos estágios de exclusão, entre outros. São homens, mulheres, jovens e adolescentes que se autoreconhecem nas imagens daquilo mesmo que refletem - produção de vida estigmatizada, força de trabalho espoliada e o capital organizado tão somente para potencializar o “obter”. Configurado desta forma, o mundo do trabalho

¹ Progressão dos estudos modulares no Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania com Ênfase em EJA. Faculdade de Educação, UnB, De julho de 2009 a julho de 2010.

² Edificar práticas pedagógicas interventivas focadas na contextualidade vivida dos sujeitos aprendizes fazendo emergir assim, necessidades e possibilidades de superação partilhadas em seu “ethos social”.

reduz-se à alienação da pessoa humana a um emprego mecanizado sem o merecer. E o ser encarcerado se reconhece mesmo como o “ser espoliado” que vive "incrustado" dentro do próprio eu individualizado ou não se crê capaz de superar a si mesmo. Eis a detenção do estado oprimido da alma. E é aqui mesmo, no estado de alma do cárcere que nasce da experiência de vida dos educandos sentenciados a possibilidade de ler e de escrever-se construindo uma biografia ontológica expressiva do cárcere. Isto é o que não se cala em nós quando lhes oportunizamos falar. E percebemos então que, a partir do que se vive surge uma aprendizagem original. Das condições concretas dos nossos sujeitos sentenciados evocamos aquele indivíduo que nasceu, cresceu e veio construindo sua história, produzindo sentidos e conhecimentos para superar os enfrentamentos dos estágios de vulnerabilidades sociais – drogadição, criminalização, tráfico, desestruturação familiar, desemprego, a indigência das ruas, a perpetuação da violência contra si e os outros, a vitimação, a dependência química, entre outros.

Assim, somos partes integrantes de um grande movimento social pela educação. E os resultados de nossas práticas possibilitam este percurso tomar corpo e rumo. E a caminhada trilhada demonstra momentos marcantes vividos. Hoje experienciamos raras formas de se gerir políticas públicas em nossa História da Educação. Contudo, mesmo nesta efervescência de brasilidade, presenciamos também a erupção sutil e abrupta de um paradigma que será referencial para dias vindouros. Áreas temáticas inovadoras e dotadas de uma ancestralidade aportam no campo universitário acadêmico: a educação no campo, indígena, ambiental, de jovens e adultos, o respeito à diversidade étnico-racial, as questões de gênero e de orientação sexual. Nesta perspectiva, reafirma-se uma concepção de Educador Popular. Não somente enquadrado por formação continuada que dita referencial e parâmetros, limitados pelas “canetadas” de gabinetes e receitas de bolo segundo a conveniência política do momento. Ou quadros estatísticos que tiram por número o elemento humano sensível. Explicitado desta forma, uma concepção de educação para jovens e adultos não se resolve ao domínio de uma teoria ou visão de mundo. Há uma destinação da proposta em ação: cativar a cultura que brota do chão vivo do educando trabalhador e do sujeito aprendiz.

A forma de discussão do problema é clara. Interfaces mediadoras da diversidade na educação de jovens e adultos por meio da formação de processos identitários entre a linguagem corporal – conteúdos/situações de aprendizagem - e os procedimentos disciplinares típicos da reclusão prisional – braços para trás, ombros encolhidos e cabeça baixa: prática ressocializadora vivida a partir de ações

construcionais embasadas na produção/fruição/apreciação do fenômeno estético e artístico – elementos compositivos das artes cênicas, História/Teoria e Crítica da Arte, teatro, cinema e dança – e nas expressões das condições físico-psíquico-emotivas do ser encarcerado - o sujeito aprendiz sentenciado (a).

O confronto entre esta formulação espontânea – conhecimento do ambiente prisional – e a teórica – conhecimento artístico sistematizado – busca a unidade na diversidade. A questão de base na pesquisa é a afirmação que a prática educativa ressocializadora da linguagem corporal reclusa ³ contribui para a reintegração social do detento (a) aprofundando vivências sensíveis que possibilitam o descondicionamento da gestualidade interna - sentimentos, emoções - e corporal reclusa - as sensações físicas advindas da contenção prisional - por meio da emancipação do movimento expressivo e seus elementos estéticos compositivos – forma, ritmo, sons, equilíbrio, harmonia, textura da pele, a combinação do binômio expansão/ repreensão, entre outros.

As conseqüências dos desdobramentos vividos pelo exercício estético e artístico desses elementos compositivos provocaram ⁴ a elaboração de situações pedagógicas em conjunto com os educandos (as) internos (as). Ato impregnado de intencionalidade interpretativa – construção de ações cênicas, encenação teatral, espontaneidade criativa - instigaram reações nos sujeitos que as recebiam. Emergem-se daí, os atos conscienciosos na *cena detida do precário* ⁵: todas as nossas opções reverberam-se em atos desencadeadores de causas e conseqüências. Tornamo-nos responsáveis por eles. Desta reflexão sobre a condição do cárcere, vem o poder benéfico de fazer o melhor para o outro, pois, receberemos, nas conseqüências das nossas ações ecoadas, não apenas as circunstancialidades dos fatos, mas a captação em nos do imã sentido por uma vontade acolhida na percepção do sensório que está presente em cada instante de nossas vidas.

O desenvolvimento da prática reintegradora “*Projeto Diversidade ou A Construção do Ser Social: As Influências da Linguagem Corporal na Ressocialização de Jovens e Adultos Condenados a Pena de Prisão*”, busca sintonia com a realidade / necessidades dos alunos – *abordagem contextualista* ⁶ - e funda-se nos estudos das

³ A Teatralidade Precária. Autor: José Nildo de Souza, Complexo Penitenciário da Papuda. Desde fevereiro de 2006. Brasília, Junho de 2010.

⁴ Esta referida atividade que constitui o PIL é formada por etapas que já se efetivaram e outras que se encontram em permanente processo de re elaboração (*ad continuum*).

⁵ Mostra de Teatro, Música e Dança do Centro de Detenção Provisória. Curta Documentário. Direção, concepção e organização: José Nildo de Souza. Papuda. Brasília, outubro de 2008.

⁶ Fundamentos da Pedagogia do Oprimido em Paulo Freire.

vulnerabilidades sociais, institucionais e culturais. Visa à otimização de experiências alternativas em situações de aprendizagens que apresentem reciprocidade com o *Currículo de Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal – EJA (Educação de Jovens e Adultos)*⁷ – para que os detentos (as) possam ser os protagonistas de sua formação – *diversidade de gênero, acesso, etnia, credo, idade, entre outros*.

O objetivo geral do referido Projeto de Intervenção Local associa-se à natureza valorativa da prática pedagógica *“A Construção do Ser Social: As Influências da Linguagem Corporal na Ressocialização de Jovens e Adultos Condenados a Pena de Prisão”*. Criar ou redimensionar valores tem sido o desafio proposto pelo pesquisador-autor⁸. Apontar valores requer destemida ousadia, pois, reforça-se a transformação de estruturas vigentes que manipulam políticas, condicionam mentalidades e as atitudes dos sujeitos que produzem conhecimentos e percepções sentidas – educador/educando. Assim, não se trata apenas de um fenômeno sociológico que irá nos propor aspectos quantitativamente identitários de exclusões e vulnerabilidades no cárcere – superlotação, violação e mutilação de direitos, hipervalorização da segurança, medidas disciplinares. Mas, sim, modos “sui generis” que constituem a formação antropológica e cultural da nação brasileira – sua diversidade étnica, de classe, crenças religiosas, de gênero, seus simbolismos e aspectos ritualísticos, entre outros.

O objetivo específico do projeto está vinculado à natureza formativa da prática ressocializadora ora em estudo que oferece uma contribuição singular para a ampliação do universo cultural dos (as) educandos (as) sentenciados (as). Mais que uma técnica ou uma metodologia aplicativa, o Projeto *“A Construção do Ser Social”* introduz trilhas de aprendizagens em Educação de Jovens e Adultos voltados para programas de formação na diversidade dos segmentos profissionais das instituições penais focados em ações reintegradoras.

O que desabilita a qualidade de ensino na penitenciária é a inexistência de programas de formação e a não abertura, por parte das universidades e agência de fomento à investigação acadêmica, de fontes de pesquisa em pós-graduação, mestrado e doutorado que aperfeiçoem os profissionais de Educação de Jovens e Adultos em práticas ressocializadoras específicas para o ensino no contexto do cárcere, tornando-os sensíveis às temáticas de vida dos sentenciados. Para se

⁷ Parâmetro Curricular da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

⁸ Educador e Ressocializador, Profº José Nildo de Souza, desde fevereiro de 2006.

ênfatizar as condições das pessoas que vivem no cárcere torna-se prioridade para a Educação de Jovens e Adultos a elaboração de programas de atuação profissional que explicitem em suas agendas de formulação de políticas públicas assuntos relevantes nas áreas de Direitos Humanos e Ajuda Humanitária, Psicologia Social, Sociologia Jurídica, Antropologia das Organizações, Ciências da Educação e demais epistemologias que tratam do zelo e cuidado com o ente humano.

Neste sentido esta prática ressocializadora organizou-se em três etapas. Na primeira, abordamos o projeto de intervenção local – estudos e reflexões realizados no percurso da Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com ênfase na EJA, partilhas colaborativas em ambientes de aprendizagem, elaboração, intermediações temáticas de identidades formativas do povo brasileiro (Educação Indígena, Quilombola, e Campesina), o mundo do trabalho dos sujeitos aprendizes, o diagnóstico emancipador (uma metodologia de sistematização de experiências e elaboração de projetos integradores), a legislação de políticas públicas em EJA, os aspectos pedagógicos para sistematização do PIL e a transformação da realidade através de uma atuação problematizadora que infunde na contextualidade vivida a consciência e percepção da condição real da reclusão prisional de jovens e adultos.

Na segunda parte apresentamos a proposta em ação, o relato das experiências vivenciadas no projeto de intervenção local “*A Construção do Ser Social: As Influências da Linguagem Corporal na Ressocialização de Jovens e Adultos Condenados a Pena de Prisão*”. Constitui-se na prática pedagógica em execução, vivências participativas entre professor e aluno, as trilhas ressocializadoras de aprendizagens no cárcere – sua concepção, o que lhe estruturou uma ação interventiva (roteiro conceutivo; perspectiva construtiva; aprendizagens em redes; as vinculações com as temáticas dos sujeitos aprendizes; os desafios enfrentados e outros, ainda velados; as situações educativas que emergiram, bem como os desdobramentos para demais focos de atuação).

A terceira etapa trata da organização midiático-cinematográfica de um acervo da produção cultural dos educandos – apresentações teatrais, encenações coreográficas, fruição estética dos signos corporais decodificados pela arte da fotografia e vídeos elaborados em sala de aula com os educandos (as) internos (as). Representa uma forma dos educandos exprimirem sua linguagem corporal e os fenômenos representacionais que se configuram no cárcere – mitos, símbolos e arquétipos. Delimitam-se nesse momento, as influências da linguagem corporal na ressocialização de jovens e adultos condenados à pena de prisão.

Os sentenciados (as) encenam em sala/cela de aula os condicionantes reclusivos a que estão sujeitos – braços para trás, ombro encolhido e cabeça baixa – por meio de dinâmicas artísticas e emancipação ética e estética motivados pela apreciação de obras de arte clássica, música sacra, esculturas africanas e o orientalismo místico transcendental. Pondera-se, assim, a respiração, a concentração, o equilíbrio emocional, entre outros. A composição cênica estrutura-se nas apresentações teatrais. Emerge-se a expressão acolhedora do gesto responsável pela construção de um elo propositivo – um protagonismo de sujeito enquanto ente coletivo. Os processos identitários de classe, gênero e etnia desdobram-se nesses fenômenos compositivos sócio-teatrais desvelando-se assim, o ambiente prisional que temos. Os instrumentos midiáticos das tecnologias contemporâneas “re” significam estruturas curriculares e situações de aprendizagens possibilitando ao educando a capacidade de ver a si mesmo, como é e como está. Este momento de afloração de uma pedagogia situada no estar mesmo do educando (a) interno (a) aponta um sentido para a formulação de políticas curriculares socioeducativa em EJA numa perspectiva histórico-cultural.

2 CONCEPÇÃO

Vivências colaborativas entre professor – educador ressocializador – e aluno – educando (a) interno (a) – construíram uma ambiente de aprendizagem no cárcere favorável à edificação de práticas interventivas focadas em ações e metas restauradoras das percepções e da condição do ser encarcerado. Atividades estéticas expressivas foram concebidas e emergiram-se modelos interventivos de projetos que contemplam o trajeto de vida dos educandos sentenciados – seus perfis, estágios de vulnerabilidades sociais, o que os antecedeu e aquilo que hoje dá sentido ao presente: *reergue-se para viver como cidadão na diversidade*⁹.



Fonte: Pesquisa de Campo – Fotos do Autor.

⁹ A Cartilha do Ser Social. José Nildo de Souza. Brasília, 2007.

Figura 1: A Linguagem Corporal Reclusa ou A Teatralidade Precária. Julho de 2007- na Penitenciária I do Distrito Federal e A Cena Detida no Centro de Detenção Provisória do Complexo Penitenciário da Papuda. Agosto de 2008. A certeza do encontro fraterno ou A Cena Detida na Escassez de um Gesto Precário. José Nildo de Souza.

As implicações existenciais dos educandos apenados constituem matéria e essência construtiva deste projeto. Porém, esta opção do educador vem carregada também do que é permanente em seu percurso profissional – uma trajetória em educação diversificada iniciada em 1987 quando atuou como educador de rua, em medidas socioeducativas, pelo Projeto “Meninos e Meninas de Rua”¹⁰, no Ministério do Interior/Fundação Rondon.

Delimitam-se a partir daí, um percurso no Distrito Federal voltado para atividades educativas e sociais incluindo coordenação de projetos, programas pedagógico-culturais com jovens infratores, adolescentes que cumprem medidas de internamento/semiliberdade e busca de espaços expressivo-criativos onde estes jovens possam manifestar e “re” significar suas formas de agir, sentir e pensar – praças, parques, becos, vielas, escolas, associações de moradores, terrenos baldios, guetos, quilombos, aldeias, trilhas rurais, ambientes institucionais, alternativos e virtuais de aprendizagens - firmando-se elos criacionais com a arte da musicalidade, da dança, do teatro e experimentações midiáticas em vídeo e cinema visando à construção de ações conjuntas entre Justiça e Direitos Humanos, Assistência Social e Psicologia, Educação Escolar e Redes de Participação Comunitária, Cidadania e Segurança Pública, Saúde e Qualidade de Vida, Espiritualidade e Paradigmas da Integralidade Humana.

E este percurso consolida uma afirmação eminentemente freireana, sem deixar de ser antes vivida e intensamente sentida: aquilo que somos determina nossas opções¹¹. E estas se transformam no que somos. E sendo produto de nossas opções, o processo de escolha que fazemos desencadeia uma concepção de mundo, Natureza, trabalho humano, cultura e sociedade. A estrutura de percepção existencial que edificamos também é parte desta constituição. Então, brota-se do terreno mesmo das vivências, um roteiro para trilharmos caminhos de aprendizagens que, ora se restauram, ora se desconstroem.

Jornadas e trajetos nos tocam profundamente quando realçamos os antecedentes do projeto que se constitui a partir das intervenções plantadas pelo educador com os educandos presos (as). Oferecem-nos guias instrumentais para tocarmos o coração dos sujeitos aprendizes e imprimirmos um sentido que traga à luz

¹⁰ Decanato de Extensão/UnB – Ceilândia – Oficinas e Laboratórios em Culturas e Direitos Humanos – 1986/1988 (experiência pioneira).

¹¹ Interpretação do autor deste PIL, Profº José Nildo de Souza, sobre a Pedagogia Libertadora a partir de estudos sobre o livro *Ação Cultural Para a liberdade. Paulo Freire. Ed. Paz & Terra. Rio de Janeiro, 1987.*

o notável valor do desconhecido no trajeto de construção de uma aprendizagem restaurativa – conteúdos não sistematizados, práticas pedagógicas problematizadoras das condições de vida do ser encarcerado, metodologias que emergem das necessidades locais reveladas.

O companheiro do pesquisador neste percurso é a complexa diversidade que se desdobra em classes, gêneros, etnias e crenças. Verdadeiras emanações fluídicas dos sujeitos em situação de restrição de liberdade. Os relatos vividos destes jovens e adultos reverberam modos “sui generis” de pensar e agir. Emoções e sentidos - ver/ouvir/verbalizar - acompanham suas atitudes, revelando referenciais carregados por dissonantes situações que os impulsionam a movimentações afetivas – perdas ou escassez de oportunidades, desemprego, indignação, experiências marginais, desestrutura familiar, relações conflituosas com os aparelhos estatais, a decepção produzida em suas expectativas de estudos motivada pelo modo como a escola o recebeu, entre outros.

A concepção de um projeto interventivo configura-se como o fruto dos esforços construídos. Enigmas são desvendados. Porém, nos subterrâneos das vivências, necessidades se afloram e são desveladas. Traçando uma linha temporal nos embates históricos de mobilização democrática percebemos que a consolidação do fenômeno da educação como um direito humano não se produziu por deliberada vontade do Estado ou de seus governantes. Mas, antes e contraproducente à idéia de espontaneísmo ou acomodação pela naturalização dos fatos, cada partido ou política que se instala enquanto situação de governo define-se da história que formou para exercer o perpétuo discurso que marca toda e qualquer forma de manutenção do poder: a representação notória e reticente daquele que faz melhor e “pode mais”¹² que os outros.

A essência mesma de um fazer humanista e emancipatório que se constela na ação dos movimentos sociais resistem a este modelo de conceber política. Autonomia e participação caminham juntas nesta resistência. Não menos pela vontade dos sujeitos que edificam este “ethos” político. Mas fundamentalmente por uma geração que protagoniza estilos diferenciados de potencializar transformações estruturantes: buscar a identidade do pluralismo no que se faz diverso. Ou seja, no que a normalidade social tem como desvio. Denota-nos aqui um recorte transversal para aprendizagem colaborativa destes jovens e adultos excomungados dos valores de cidadania. E tal recorte configurado na transversalidade dos paradigmas que se desmoronam edifica-se como fator reativo à padronização midiática tecnológica, ao

¹² Slogan da Campanha Presidencial do Governador José Serra.

fenômeno contemporâneo da vigilância e punitividade exacerbada sobre o indivíduo. O que amadurece hoje é um histórico feito de lutas. Embates vivos do que somos atualmente: um produto de esforços sem precedentes. Um corpo que se estende em mãos, ombros, pés e braços que se fazem abraços.



Fonte: Pesquisa de Campo – Fotos do Autor.

Figura 2: Referenciais para uma matriz curricular em Educação de Jovens e Adultos. A Construção do Ser Social. Concepção fotográfica/cênico/coreográfica: Profº José Nildo de Souza. Registro: José Ivacy de Souza. De Junho de 2007 a Outubro de 2009.

Esta é uma apropriação que não se reduz ao conceito reprodutivista de espoliação do saber quando, pela formação universitária, se restringe o ensinamento pedagógico a algo que é de domínio do professor e o aluno deve apenas receber, decorar, copiar o modelo estabelecido por aquele que expõe o conteúdo. O chão cativo da cultura constitui matéria, espírito e conteúdo vivo da aprendizagem, pois, interações construídas numa coletividade produzem feições nascidas entre o que sente o educando - suas condições de vida - e o conhecimento historicamente sistematizado presente nas elaborações epistêmicas-construcionais das Artes, Religiões, Filosofias, Ciências e Linguagens. Proposições formativas se coadunam nesta jornada integrando modalidades de ensino com ambientes colaborativos de aprendizagem.

Eis então a semeadura de um momento original na formação dos profissionais da educação: a universidade e os núcleos de educação continuada deixam de polarizar currículos, matrizes metodológicas, conteúdos de aprendizagem e modos de avaliação colocando nas mãos dos educadores seus processos formativos. É a autonomia na produção do conhecimento e a descoberta de outros setores

epistemológicos – a oralidade nativa intergeracional dos xamãs indígenas, os quilombos, as vozes que ecoam das ruas, os ritos religiosos ancestrais, a antropologia zodiacal, o saber intuitivo feminino, a educação medicinal das plantas curativas, a cultura popular, entre outros. Tais saberes são verdadeiros entes vivos e não se limitam exclusivamente ao crivo cientificista acadêmico.

Este é o resultado da justa luta chegando. Percursos não trilhados vão sendo desdobrados e outros descortinados. Contudo, há uma base que se firma. E como nos ensina Nicolescu Basarab¹³: não apenas de acaso vivem nossos passos. Existem modos “sui generis” que restauram o sentido da conquista. O curso de extensão/aperfeiçoamento Educação na Diversidade constituiu-se a base inspiradora. Também é matriz, fonte d’água e essência viva que culmina com a Rede de Formação na Diversidade - SECAD/MEC. Propõe uma ousada política pedagógica: edificar uma Comunidade de Trabalho/Aprendizagem em Rede na Diversidade – CTARD.

É daí mesmo que surgiram os recursos para o Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania com Ênfase em Educação de Jovens e Adultos - EJA, desde dezembro de 2008. O referido Curso apresenta fundamentos de pesquisa, extensão e ensino orientados não apenas por vertentes de uma epistemologia academicista. Mas, determinadamente com elaborações que superam o âmbito universitário. Inclui em sua jornada propedêutica o ambiente revitalizador dos movimentos populares, seus signos, mitos, arquétipos, símbolos expressivos, práticas de trabalho ritualizadas em conjunto agora ventiladas por Sítios Cooperativos e de partilhas comuns. Grupos de pesquisa devidamente credenciados no CNPq aportaram suas âncoras na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília: Aprendizagem, Tecnologia e Educação a Distância (GTEAD); Grupo de Ensino, Pesquisa, Extensão em Educação popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais (GENPEX); Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Trabalho (NEPET).

Rever jornadas e trajetos nos toca profundamente. E quando momentos tocamos pelas emoções constituírem formas primeiras de compreensão e percepção de uma realidade, servem de instrumentos para imprimirmos a canção que vamos harmonizando na caminhada. Porém, esta canção se constitui não apenas de melodia. Mas, também da necessária afinação da orquestra que é feita e incorpora as dissonantes situações conflituosas ou mesmo os significativos momentos de pausa para reflexão. Ilustra-se aqui, uma tonalidade que desvela nossas próprias masmorras ocultas: as tensões de uma aprendizagem edificada a partir da interioridade reclusa

¹³ NICOLESCU, Basarab. O Manifesto da Transdisciplinaridade. Coleção Trans. 2001.

revelada¹⁴. E percebemos então que, do que se vive no contexto faz brotar uma aprendizagem original.

3 RELATÓRIO DE EXPERIÊNCIA

O trajeto do roteiro de intervenção local inclui composições criadoras no percurso construtivo do projeto. Trata-se de procedimentos pedagógicos focados na formação de equipes e distribuição de atribuições entre os membros que constituíram o elenco, os redatores da história, os narradores, desenhistas e ilustradores de personagens, diretores de ensaios e encenações, coreógrafos, cinegrafistas e fotógrafos.

Toda equipe do trabalho interventivo é formada pelo conjunto de sentenciados (as) autores (as) e o professor criador da prática ressocializadora “A Linguagem Corporal Reclusa ou a Teatralidade Precária”. As referidas composições criadoras e coletivas graduam-se por fenômenos construcionais que estabelecem relações entre a linguagem corporal reclusa – braços para trás, ombro encolhido, cabeça baixa – e a edificação de um protagonismo de ser social carcerário – identidade de gênero, classe e etnia.

Descreve-se, cênica e cinematograficamente, uma leitura da vida e da trajetória do corpo do educando, hábitos, posturas e modos expressivos condicionados à rigidez disciplinar característico da pena de prisão – círculos e maneiras de convivências, a ruptura com os elos familiares, os afetos/desavenças, as incursões pelo modelo de escola que o recebeu, experiências produtivas (trabalho, emprego, renda, condições econômicas e materiais de sobrevivência), suas relações e modos interativos com os aspectos transcendentais da existência – fé, moralidade, conceitos, relações interpessoais, natureza humana, entre outros.

¹⁴ O Resgate da Fala Autêntica. Mauro Martins Amatuizi. Filosofia da Psicoterapia e da Educação. Ed Papyrus. SP, 1989.



Fonte: Pesquisa de Campo – Fotos do Autor.

Figura 3: A Construção do Ser Social. Identidade de Gênero, Classe e Etnia. José Nildo de Souza. Centro de Internamento e Reeducação (CIR) do Complexo Penitenciário da Papuda. Junho de 2007. Projeto de Intervenção Local em Educação de Jovens e Adultos – de Junho de 2009 a junho de 2010.

O itinerário do Projeto de Intervenção Local é seqüenciado por disposições metodológicas que se desdobraram em momentos singulares e dotados de etapas peculiares. *A relação entre os elementos do corpo em seu estado recluso* – a condição corporal dos sentenciados (as), a sujeição que lhes impõe a pena de prisão devido às influências exercidas pelos procedimentos disciplinares prisionais no processo de aprendizagem - e *os conteúdos que compõem a linguagem artística enquanto fazer, exprimir e conhecer a História, Teoria e Crítica da Arte* – movimentos, evolução das artes visuais, estilos, as manifestações rítmicas e sonoras, as composições plásticas coreográficas que tratam dos estudos das formas, equilíbrio, textura, volume, proporcionalidade, etc – são determinantes que atuam na fruição da expressão criadora no primeiro momento do roteiro do projeto de intervenção local. Nesta etapa não cabe crítica ou análise do que vem sendo feito ou apresentado. É preciso deixar que flua a espontaneidade pela motivação e auto estima oferecida ao grupo.

No processo de desenvolvimento das atividades de relacionamento de grupo e espontaneidade criativa o professor pode intervir (quando solicitado) ou sugerir formas de integração estética às equipes que estiverem apresentando ou exercitando temas da linguagem coreográfica. Eis a urgência do educador permanecer com atenção focada no grupo ou percepção de escuta para presenciar os desafios da emancipação da gestualidade e do movimento estruturado em um ambiente como o cárcere onde os indivíduos estão sujeitos ao condicionamento expressivo em função da perda do direito de ir e vir que é a sentença da pena de prisão.

O segundo momento refere-se às formas de tratamento conferido aos conteúdos por meio de análise e experimentação das linguagens coreográficas contemporâneas – relacionamento e espontaneidade, observação e autoconhecimento de ações, dinâmica próprias, percepção do espaço fora e dentro de si mesmo. Edificam-se, assim, mecanismos e interfaces a partir de uma elaboração gestual que o autor denominou de “precariedade”¹⁵ – mãos algemadas, cabeça baixa, ombro encolhido, respiração curta, a vergonha e o medo, entre outros. Esta é etapa em que se identificam estilos e modos de ser dos sentenciados (as), suas formas de ser e de estar reclusas.

Os educandos “re” constroem Obras de Arte a partir de modos perceptuais que lhe são próprios e característicos. Esta é a relevância da prática interventiva local no *terceiro momento*, que aponta para o enriquecimento da formação cultural dos educandos internos. O educador leva e apresenta aos alunos quadros e obras da Arte Clássica, Música Sacra e Oriental, Arte Moderna e Africana para emancipação do gosto artístico e releitura cênica por meio de montagens de encenações coreográficas e teatrais. E em conjunto – professor/alunos (as) - utilizam arquétipos, personagens, estereótipos, signos e processos imagéticos para vivenciarem à sua maneira elementos que compõem a linguagem da visualidade – textura, cores, composições, sombra/luz, ritmo e cadência, linhas e pontos, entre outros. A partir deste afinamento expressivo, o educando constrói seu entendimento estético do mundo, do ambiente que vive centrado naquilo que sente e pensa. Isto representa uma forma peculiar de saber quem somos através dos objetos e sujeitos que experienciamos em nosso percurso de aprendizagem. Tal percurso inclui processos interativos que se desdobram na trajetória criadora, as relações professor / aluno, as memórias emotivas, as lacunas e os vazios culturais que emergiram pela perda, escassez ou inexistência de oportunidades.

O quarto momento caracteriza-se pela decodificação sígnica e imagética entre o corpo recluso e sua interação com os *estilos e padrões esteticistas sistematizados* na História e Teoria da Arte – pré-história, helenismo, clássicos greco-romanos, arte sacra primitiva cristã, renascimento, modernismo, estilos pictóricos de transição entre o moderno e o contemporâneo, arte oriental e africana – identificando técnicas, padrões e tendências para a construção de um roteiro coreo/cinematográfico¹⁶ –

¹⁵ Políticas Educacionais: Por Um Protagonismo do Ser Social Carcerário. FACTED, Bsb, 2008. José Nildo de Souza.

¹⁶ A Linguagem Corporal Reclusa ou a Teatralidade Precária de concepção do educador ressocializador, Profº José Nildo de Souza e co-autoria dos educandos (as) internos (as).

seleção e escolha em conjunto com os educandos (as) presos (as) possibilitando o refinamento estético e o gosto pela arte.

Interagindo com os modelos sociais restauradores de justiça, cidadania e direitos humanos desdobram-se o quinto momento, que se refere às apresentações de vídeos, mostras de cinema e exposições fotográficas do acervo da produção artística do precário ou da linguagem corporal reclusa. Este é o momento da reinserção social de jovens e adultos sentenciados do regime penal. Etapa peculiar e significativa de interação com o meio social. Por isso, o que deve se apresentado coloca ou explicita o sentenciado que tem o direito ou não de se identificar, de acordo com anuência expressa por meio de assinatura declarada.

Esta forma de fazer teatro dentro do presídio vem sempre se renovando, pois evoca mudanças entre os alunos. Diz a cada um como está, o que é e como poderá ser. Assim a *gestualidade do precário não vem explicitar jovens e adultos sentenciados negativamente*. Mas constituí-los ética e esteticamente emancipados pelos códigos performáticos da arte da dança e do teatro reconstruindo-os como protagonistas de verdadeiros entes sociais de classe, gênero e etnia.



Fonte: Pesquisa de Campo – Fotos do Autor.

Figura 4: O Ciclo da Vida na Cena Detida. Concepção: José Nildo de Souza. Curta Cinematográfico no Centro de Detenção Provisória (CDP) com turmas de EJA – 1º 2º e 3º segmentos. De fevereiro de 2006 a março de 2010.

O sexto momento baliza a avaliação formativa: quais conteúdos estéticos trabalhados? Que técnicas ou métodos de dança, processos artísticos e culturais foram assimilados quando estabelecemos conexões entre a cena do precário – a linguagem corporal do ambiente carcerário - e os conteúdos oficiais de aprendizagem sistematizados no componente curricular Arte/EJA? Quais estilos e tendências artísticas selecionados nas enciclopédias de arte marcaram significativamente a “cena do precário” e reconduziram a leitura gestual expressiva? A produção cinematográfica e a exposição fotográfica enriqueceram o universo cultural dos educandos (as) sentenciados (as)? Estabelecer interfaces entre o repertório artístico dos educandos – gostos e estilos musicais, coreográficos, cênicos, formas de desenhar e ilustrações, etc. – e os conteúdos e conhecimentos estéticos presentes na História, Teoria e Crítica da Arte.

A avaliação valorativa demarca o sétimo momento do projeto de intervenção local, a saber: quais os valores absorvidos pelos alunos? Quais as temáticas dominantes no meio prisional? O que é a linguagem corporal reclusa? Selecionar assuntos de interesse temático que geram respostas significativas; O que vem a ser ressocialização? O que representa um ser social emancipado? Como se constitui um sujeito enquanto ente coletivo? Por que a designação desta prática ressocializadora intitulou-se de “teatralidade precária”?

A performance áudio visual das composições cinematográficas – exibição e apresentação em festivais de arte e cultura, mostra de cinema e vídeo, etc - registradas durante as apresentações foram desenvolvidas em etapas consecutivas. Distribuídas à medida que as criações coletivas tomaram corpo, motivaram a construção de uma conscientização problematizadora das condições do sujeito aprendiz de EJA em situação de restrição de liberdade e condicionados aos procedimentos disciplinares de segurança bem como as influências da linguagem corporal no processo de ensino aprendizagem. Com as produções midiáticas e as mediações estéticas expressivas das exposições fotográficas, o educador ressocializador participou e organizou montagens artísticas e cinematográficas nos espaços culturais de Brasília e do país, congressos, seminários, encontros na área de Educação de Jovens e Adultos, Psicologia Social e Direitos Humanos.

Assim, as etapas do Projeto de Intervenção Local desenvolveram-se no Complexo Penitenciário de Brasília e traçam caminhos para a Educação de Jovens e Adultos em situação de restrição de liberdade. Os *fundamentos filosóficos e antropológicos do Ser Social* encontram-se devidamente registrados no *primeiro curta*

cinematográfico onde se condensou o estudo preliminar do corpo em seu estado de reclusão prisional. Ergueram-se assim, concepções sobre a utopia da liberdade que na percepção poética dos internos e inspirados em Eduardo Galeano¹⁷ constitui um horizonte onde tentamos alcançá-lo e quanto mais nos dirigimos a ele, mas de nós este horizonte se afasta.

Contudo, é para isto que serve a utopia para que não deixemos de caminhar. O vídeo desenvolve-se configurando imagens de interação entre os educandos por meio da linguagem corporal – técnicas de expressão – análise bioenergética de partes constitutivas do corpo – mãos, pés, braços, cabeças, ombros, entre outros. Integra imagens da arte clássica, do primitivismo cristão, da arte sacra renascentista e da evolução da arte moderna – a ascensão do Cristo em Salvador Dali.

Sintetiza o epílogo do vídeo reafirmando os fundamentos filosóficos e antropológicos da Linguagem Corporal Reclusa ou A Teatralidade Precária infundindo uma perspectiva holística à expressividade espontânea dos educandos internos. Pois, quando a expressão é reflexo da alma a gestualidade detida na escassez contida da rigidez disciplinar não hesita. Mas, antes percebe a atitude interna da intencionalidade agora focada na misteriosa descoberta de quem realmente atua na cena do precário.

As bases técnicas-pedagógicas da teatralidade precária inauguram a segunda etapa da produção audiovisual do projeto de intervenção local. Constitui Estudo de Caso – A Ressocialização de Detentos Através da Teatralidade Precária - de Técnica de Assuntos Educacionais do MEC¹⁸ como requisito para conclusão do Curso de Especialização em Políticas Públicas da Educação com Ênfase em Monitoramento e Avaliação – MPA, sob orientação do Oficial de Projetos da UNESCO, Drº Eduardo de São Paulo pela ENAP – Escola Nacional de Administração Pública.

O estudo de caso partiu do Projeto “A Construção do Ser Social”¹⁹ que afirma a relevância das práticas ressocializadoras como *“trilhas específicas que extrapolem os limites das matrizes curriculares tradicionais e que a precariedade das condições físicas nos presídios e o processo de despersonalização do apenado são graves*

¹⁷ O Teatro do Bem e do Mal. L&PM Pocket Plus. São Paulo, setembro de 2006.

¹⁸ O Caso do Sistema Penitenciário do Distrito Federal, Profª Jadete Nóbrega Rodrigues. ENAP/Coordenação Geral de Especialização. Bsb, 2008.

¹⁹ Autoria e concepção do Profº José Nildo de Souza.

*obstáculos à reeducação do sentenciado bem como o seu retorno ao convívio social*²⁰.

O relato audiovisual constitui a base das experimentações artísticas e estéticas vivenciadas e construídas pelo educador-ressocializador, pesquisador e autor deste projeto de intervenção local. As inovações comparadas ao vídeo anterior caracterizam a diagramação imagética das animações em forma de desenhos realizadas pelos educandos sentenciados em sala de aula com o Professor José Nildo de Souza que organizou e orientou a criação expressiva dos educandos assim como suas edições cinematográficas. As questões propositivas encenadas pelos educandos aprofundam o conceito e a prática libertadora de “ser livre”. Porém, agora ventiladas pela tentativa da Técnica de Assuntos Educacionais do MEC, Prof^a Jadete Nóbrega Rodrigues, de tornar a precariedade um método de aprendizagem em educação nas prisões, este conceito de liberdade ganha questionamentos: “ser livre” pra quê? O que é o viver? E para que se vive?

As ilustrações animadas por edições cinematográficas trazem as marcas das modas, estilos de andar e vestir dos jovens sentenciados. As seduções dos ícones de consumo vitimizam estes jovens através da propaganda comercial midiática que exaspera o significado material em detrimento do humano no ser. Desta excessiva perturbação para aquisição e posse de estilos e modas, o jovem e adolescente da periferia, exposto às vulnerabilidades sociais – criminalização, drogadição, tráfico e acessibilidade a armas de poderio destrutivo – introduz-se na marginalidade e sem perceber submerge na “hora da queda”.

Uma identidade étnica é traduzida pela justaposição de máscaras africanas mescladas às expressões faciais de jovens e adultos negros sentenciados. As conseqüências dos atos são reveladas agora pela acusação e rejeição. Configuram-se produções dos educandos através de grafite, signos lingüísticos expressos em “tribais” e personagens estereótipos do universo sociocultural dos educandos. O risco que se vive na condição de encarcerado representa a poética da superação, pois, a explicitação do gesto contido não se limita mais pelo medo da entrega. Mas, antes edifica a necessidade do acolhimento sentido para a reconstrução do ser encadeado pelo sentimento de reconhecer-se na aceitação do que é agora: um protagonismo de sujeito enquanto ente coletivo.

²⁰ Rodrigues, Jadete Nóbrega. A Ressocialização de Detentos Através da Teatralidade Precária. ENAP. Bsb, 2008.



Fonte: Pesquisa de Campo – Fotos do Autor.

Figura 5: Identidade de Gênero, Classe e Etnia. A Linguagem Corporal Reclusa. Concepção fotográfica/cênico/coreográfica: Profº José Nildo de Souza. Registro: José Felipe Alves Bittar. Julho de 2007/ março de 2010.

As evidências de uma maturidade na busca de trilhas e situações de aprendizagens específicas para atuação na educação de jovens e adultos sentenciados pela pena de prisão tornaram-se esclarecedoras na terceira edição cinematográfica Mostra de Teatro, Música e Dança do Complexo Penitenciário do DF registrado pelo pesquisador e criador do projeto de intervenção local. Nasce no Centro de Detenção Provisória, o curta e vídeo experimental “A Cena Detida”.

Tal denominação concebida pelo educador ressocializador²¹ partiu da sensibilidade pela condição do ser recluso. Não representou um método para se trabalhar EJA na penitenciária – embora desenvolvida em regência de classe e com turmas de jovens e adultos no segundo e terceiro segmento de ensino fundamental e médio – nem tão pouco uma técnica – como a suscitada na experiência anterior por uma especialista do MEC.

Na verdade o enriquecimento da mídia cinematográfica “A Cena Detida” na aprendizagem dos educandos internos deveu-se muito pela modéstia do seu alcance. Constitui uma experimentação referencial formativa para os profissionais que atuam com EJA nos presídios e medidas socioeducativas²².

²¹ A Cena Detida, criação e organização do Profº José Nildo de Souza no Centro de Detenção Provisória do DF em 2008 inspirado em nomenclatura prisional, estudos sobre Boal, o “colocar-se” no lugar do outro, “a vivência do ato infracional” e a perspectiva de formação de uma identidade social no cárcere.

²² Atividade selecionada para apresentação e exibição no Fórum Internacional da Sociedade Civil em dezembro de 2009 – Belém do Pará.

O educador que concebe o referido filme existencializa o sentido da detenção, pois vivencia em conjunto com os educandos que *“A cena detida foi o caminho trilhado por estes jovens e adultos nos seus desencontros e mais desencontros que impedem de se constituírem como alguém na vida. Expostos agora em cena evidenciam tudo que passou e reconhecem – se nas emoções sentidas no teatro como um atalho ou um caminho possível para descobrirem que o ser humano mesmo sem recursos pode encontrar-se”* ²³.

A base experimental tão simples em sua natureza conceptual, porém, tão complexa na sua compreensão e aprendizagem, está na faixa de abertura da mídia cinematográfica como parâmetro para referendar programas e projetos em educação de jovens e adultos sentenciados. O ato de deter uma ação no momento de sua realização coloca o indivíduo para lidar com os seus limites. É a problematização de uma consciência de estar no mundo.

A práxis no sentido freireano se concretiza. Constitui um permanente exercício de debruçar-se sobre a situação vivida: antever fatos e acontecimentos construindo um “estar no mundo”. É a percepção do indivíduo tomando corpo no ser coletivo. Um laço restaurativo com a cidadania emerge-se. Seus atos agora estão sendo remidos pela instalação de um curto espaço interpretativo na consciência da ação – o causador e a vítima. E a cena detida irrompe-se como essência da linguagem corporal no cárcere, pois os instrumentos disciplinares da instituição penal também utilizam esta detenção, embora sufocando a expressão do sentenciado. Porém, na teatralidade precária, detendo uma cena é possível visionalizar *“quem somos, o que somos e por que somos assim”* pois, a referida forma de fazer teatro sempre se renova pela verdade de uma expressão sentida e vivida por uma emoção que não se esgota.

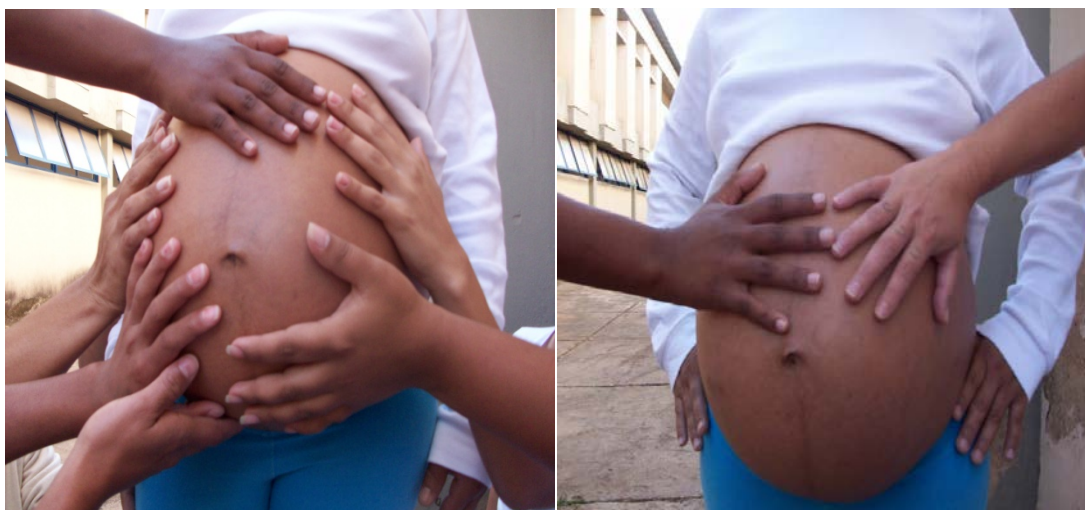
O quarto curta cinematográfico representa novo desdobramento criativo do educador ressocializador em conjunto com os internos (as). Esta versatilidade é visível pela construção permanente que o projeto de intervenção local dispõe sempre quando se retorna a ele. Ao ser selecionado para apresentação no Workshop “Mostre o Seu Valor” pelo PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – o educador ressocializador concebe em conjunto com os educandos (as) internos (as) uma mídia cinematográfica para exibição no evento sobre direitos humanos e políticas sociais. Porém, com um elemento diferenciador.

²³ Texto de Villegmon S. Ferreira (interno do Centro de Detenção provisória) e José Nildo de Souza.

Mesmo inovando, o criador permanece fiel a idéia original da prática ressocializadora “A Linguagem Corporal Reclusa ou a Teatralidade Precária”. Trata das complexas temáticas citadas, sem, no entanto, ressaltar o caráter denunciativo. Mas, antes levando avante uma proposição de aprendizagem em educação de jovens e adultos mobilizando composições estéticas expressivas e fomentando a emancipação de um movimento social para os sujeitos aprendizes em situação de restrição de liberdade. O vídeo trata em sua essência de uma ação reintegradora e social que se iniciou a partir de reflexões de como exercitamos valores que são inerentes à natureza humana ou mesmo aqueles que se constroem em nossas interações e vivências.

Desta ação reintegradora desdobra-se uma impetuosa reflexão categorizando a capacidade da prática ressocializadora – a sua autonutrição à medida que se vitaliza com a diversidade de contextos plurais que vai experimentando em seu percurso criativo: é possível modificar algum valor que se obtêm ou se nasce com ele? Sentir, conhecer e viver estes valores vem sendo o desafio proposto nesta referida atividade ressocializadora desenvolvida desde o ano letivo de 2006 pelo pesquisador autor deste projeto de intervenção local e que atuou como membro do Convênio FUNAP/SEEDF/SSP até março de 2010 em turmas de educação de jovens e adultos no componente curricular Arte.

O referido vídeo temático e curta documentário foram realizados no Complexo Penitenciário da Papuda (PDF I) e na Penitenciária Feminina do Distrito Federal. A dimensão social humana é aquela que integra a vida. Saber que somos gente, que podemos ser cuidados e tratados dignamente representa grande parte da felicidade que buscamos. Eis a razão e o motivo pelo qual estamos vivos. E é por isso que o misterioso ciclo de harmonia da existência deve aproximar quem se ama, pois assim nos encontraremos renascidos para a verdade do presente.



Fonte: Pesquisa de Campo – Fotos do Autor.

Figura 6: “O Nascimento de Todas as Cores”. Concepção Fotográfica: José Nildo de Souza. Do Curta Cinematográfico “A Cena do Precário no Feminino ou O Teatro da Paz”. Parte integrante do Projeto de Intervenção Local “A Construção do Ser Social”. De Maio de 2008 a Agosto de 2009. EJA/PIL.

*A escassez do gesto precário*²⁴ – quinto curta e documentário midiático - nasce na Ala de Tratamento Psiquiátrico (Manicômio Judiciário do DF), localizado na Penitenciária Feminina e o seu título demonstra o contexto da aprendizagem de jovens e adultos nesta realidade eminentemente singular em seu aspecto educativo. Esclarece bem a todos nós o significado de uma intervenção pedagógica de caráter psicossocial aliada às formulações de políticas públicas restaurativas para educandos que constituem a verdadeira escória da exclusão.

Exercitar a sensibilidade do caráter meditativo da música clássica, sacra e oriental evidencia esclarecimentos internos de suas vívidas emoções sentidas. Categorizaram-se expressões e refluem-nos sentimentos pela identificação de arquétipos acolhedores de formas, movimentos, ritmos, sons, equilíbrio provenientes de processos de socialização – conteúdos estéticos de EJA – e trilhas psicossomáticas de cura das condições sofridas de vida.

Assim, a escassez do gesto sentido renova-se constantemente, pois, trabalhando-se com o que se tem de essencial e a partir mesmo do que falta encontra-se a poética do precário na “minimalidade circunstancial do conteúdo que emerge da aprendizagem em conjunto construída”. A expressão reclusa essencializa-se na espontaneidade do gesto contido. O abraço vem redimir a vida recolhida pelo isolamento a que estão sujeitos estes jovens e adultos.

²⁴ Termo concebido pelo educador ressocializador Profº José Nildo de Souza em dezembro de 2009 na Ala de Tratamento Psiquiátrico do DF (Manicômio Judiciário).



Fonte: Pesquisa de Campo – Fotos do Autor.

Figura 7: O Abraço que Redime. A Escassez do Gesto Precário. Ala de Tratamento Psiquiátrico da Penitenciária Feminina. Profº José Nildo de Souza. Outubro de 2009 / Março de 2010. EJA/PIL.

E a escassez do gesto sentido por ser de natureza humanamente precária, em função das condições excludentes vividas, constitui no seu laço pedagógico e criativo, uma evidente aceitação renascida, pois, o modo como estes jovens e adultos encarcerados na Ala de Tratamento Psiquiátrico do Complexo Penitenciário Feminino do DF receberam esta proposição midiática em forma de curta documentário demonstra-nos que a capacidade humana de superar-se está intimamente associada às nossas escolhas e opções que realizamos na existência. Assim, para intervirmos transformações em meios vulneráveis ou mesmo até considerados inadequados às práticas educativas fundadas na Educação de Jovens e Adultos é necessário mudar nossas crenças e valores pessoais e profissionais. E junto com isso, segue o foco da conscientização como fenômeno problematizador da existência humana: a maneira como respondemos aos desafios que nos surgem é que determina a aceitabilidade ou não de experimentações pedagógicas inovadoras.

3.1 O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO²⁵

Missão

Potencializar o fenômeno educativo em suas dimensionalidades curriculares, gestionárias, pedagógicas e valorativas. Eis uma missão institucional categorizada pela Secretaria de Estado de Educação Distrito Federal que proporciona a qualidade da aprendizagem. Suas articulações fundam-se na formação de um cidadão

²⁵ Contribuições para o Projeto Pedagógico da FUNAP (Fundação de Amparo ao Preso) do autor deste PIL, Profº José Nildo de Souza quando foi membro da Comissão do Projeto Político Pedagógico da FUNAP, de julho a dezembro de 2007, compiladas no documento "Matrizes para a Ressocialização".

ético, crítico, humanista e na construção de saberes voltados ao conhecimento técnico-científico, ecológico, cultural e artístico. A partir desta perspectiva, a educação para jovens e adultos que se encontram em restrição de liberdade deve oportunizar o desenvolvimento da capacidade crítica e criadora, oferecendo condições para o educando contribuir com sua própria formação como princípio da reinserção social.

Apresentação

O Projeto Político Pedagógico deve circunscrever esta realidade e mediar proposições interventivas vivenciadas no contexto mesmo do educando. É no ambiente carcerário que encontramos as razões de ordem prática e teórica para a consecução do Projeto Político Pedagógico. As motivações conceituais e metodológicas representam a conciliação entre ações educativas e instrumentos ressociativos – Lei de Execuções Penais, Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Parâmetros e Adaptações Curriculares em função das especificidades da modalidade de ensino. Nesta abordagem, a interdisciplinaridade surge como visão sintética do saber.

O espaço de explicitação, conflito e vulnerabilidade social no qual os profissionais de educação encontram-se confinados necessita de regimentos e métodos pedagógicos laboratoriais – oficinas, programas específicos de ensino, pedagogia de projetos, componentes e conteúdos singulares dos procedimentos restritivos de liberdade. As razões de ordem prática determinam as demonstrações vividas pelo educador ressociador, autor do Projeto de Intervenção Local – formas alternativas de aprendizagem, soluções conjuntas com os educandos (as) internos (as), o espaço de sala de aula como instrumento de aproximação com o meio social, atualização, produção científica e cultural, práticas coletivas de trabalho solidário, melhoria e qualidade de ensino.

Assim, o Projeto Político Pedagógico pauta-se em uma legislação orientadora de diretrizes:

▶ Lei de Execução Penal (LEP, nº. 7.210/84) - a função reabilitadora da pena de prisão;

▶ LDB ou Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9.394/96);

▶ Resolução nº. 02/98 - normas para o sistema de ensino do Distrito Federal;

▶ Parecer nº. 11 do CNE de 2000 - Educação de Jovens e Adultos;

- ▶ Proposta de Educação de Jovens e Adultos do Distrito Federal de 2006;
- ▶ Conferência Internacional sobre Educação de adultos;
- ▶ Fórum de Dakar em 2000.
- ▶ Constituição Federal – 1988;
- ▶ Código Penal Brasileiro.

3.2 Diagnóstico

O Sistema Penitenciário do Distrito Federal é composto atualmente por sete mil e quinhentos internos. São distribuídos pelas unidades prisionais segundo a especificidade de cada regime – provisório/fechado e semi-aberto. Um quantitativo limitado destes internos – em função de segurança, padrões de comportamento, conduta e disciplina (critérios de seletividade) – são atendidos nos setores de ensino por sessenta professores, trinta e um funcionários (alunos internos), trinta policiais civis e militares²⁶. O cenário atual das unidades de ensino possui em torno de oitocentos educandos distribuídos pelos segmentos, modalidades de ensino, oficinas, atelier de artesanato, artes plásticas, atividades laboratoriais de artes cênicas, teatro, musica, dança, literatura e alfabetização.

A modalidade de ensino do Complexo Penitenciário do DF é a Educação de Jovens e Adultos (EJA) compreendidos nos seus três segmentos. Em conjunto com a Educação de Jovens e Adultos edificam-se práticas de “*diversidade na cidadania*”, que constitui a natureza do nosso curso de especialização. O que se denomina aqui como “*diversidade na unidade*” compreendem atividades multiculturais integradoras dos processos de aprendizagens específicos para os sujeitos em restrição de liberdade.

Associa-se neste percurso modalidades de ensino que transversalizam os procedimentos interdisciplinares. Reafirmam-se, assim, ações entre áreas de saber (conteúdos curriculares), núcleos de ensino, assistência social, atendimento jurídico, tratamento psicológico, coordenação pedagógica intersetorial. As atividades diversificadas interdisciplinares fundamentam-se na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e previstas na Lei de Execuções Penais (LEP), tais como: oficinas de música, informática, teatro, agroecologia, artesanato, atividades laboratoriais nas áreas de alfabetização, artes cênicas, literatura, entre outros.

²⁶ Fonte INFOPEN – 2007/2008.

A formação geóétnica dos educandos é caracterizada por moradores das cidades satélites e região do entorno. Revela-se assim, origens sociais/culturais bem como posturas, modos de agir, pensar, hábitos, costumes, linguagens. A problemática da imigração é também elemento demarcador nos porões carcerários. Constitui fenômeno contemporâneo visível nas grandes cidades. É fator preponderante para se entender a violência urbana, sendo parâmetro para estudos e pesquisas sobre a exclusão de populações propensas aos estágios das vulnerabilidades – a drogadição, a indigência das ruas, a gravidez precoce, os assentamentos suburbanos, o abandono dos idosos através de políticas de proporcionalidade de tempo de serviço e contribuição que visam a extinção da aposentadoria, a penalização dos jovens como forma de controle/punição exigida pela sociedade e estimulada pelo Estado por meio de aparelhos repressivos (o aparato policial, a igreja, os meios de comunicação de massa, circuitos de vigilância permanente, o consumo desenfreado, etc.).

Quando o autor deste PIL estudou as vivências e emoções tocadas por situações e conflitos que marcaram suas caminhadas, percebeu características de natureza e identidades semelhantes: sentimentos de negatividade diante de sua condição e do mundo, atitude de vitimização ou autocondenação depressiva, surtos de emotividade repentina – extrema revolta, magoa, desejo de vingança – acompanhados por uma melancólica dependência que se prenuncia nos olhares atônitos e o medo recluso de um pânico generalizado.

São alunos que freqüentaram as escolas públicas do Distrito Federal, periferia e entorno. Muitos passaram pelo CAJE, ou são moradores de rua desde a infância. Apresentam trajetória escolar instável marcada pela desistência, desligamento dos estudos e com defasagem idade / série no processo de aprendizagem. Contudo, permanecem no ensino fundamental incompleto entre 1º e 4º semestres do segundo segmento do EJA.

3.3 Perfil do Educando Encarcerado

O aspecto psicológico dos educandos sentenciados demonstra uma auto-estima instável. Momentos de depressão convivem com variações de ansiedade. Posições de agressividade se misturam com dependência afetiva. A apatia revela-se na resistência para se desenvolver valores de credibilidade positiva. A iniciativa é limitada para exercer ações comuns combinada com mecanismos de organização intelectual – leitura e escrita constante motivado pela ociosidade. A perda de memória dificulta o autocontrole e a recordação de fatos. A ausência de expectativas pressupõe um comportamento vitimizador associado a uma negação do

arrependimento. O desestímulo as atividades de sala de aula é produto da depressão aparente e da desestrutura familiar necessitando que o professor ofereça oportunidades para que os educandos exercitem a reconstrução interior – praticas dialógicas para transmissão do conhecimento, vivências formativas, dinâmicas coletivas de relações interpessoais.



Fonte: Pesquisa de Campo – Fotos do Autor.

Figura 8: A Cena Detida, Centro de Detenção Provisória do Complexo Penitenciário da Papuda, de Agosto de 2009 a fevereiro de 2010. EJA/PIL.

O acolhimento identifica a ação cênica como pausa poética encadeada por sentimentos contidos – abandono do lar, dos companheiros amados e amigos, lembrança dos entes queridos – e um silêncio expressivo que se faz presente. José Nildo de Souza.

Porém, os educandos internos, possuem um estilo próprio de conhecimento que pode surpreender o educador no exercício diário da regência de classe. Partindo desta premissa descoberta no chão mesmo do contexto prisional, o pesquisador observou entre os educandos sentenciados valores de positividade que podem se tornar instrumentos potenciais para o processo criador emergir na aprendizagem: capacidade de formulação de estratégias; formas de articulação convincentes que deflagram compreensões diferenciadoras do conteúdo abordado; pensamento divergente; posicionamentos propensos à caracterização das altas habilidades; paradigmas para estudos sobre superdotação na aprendizagem; a auto-expressão caracteriza suas formulações espontâneas criativas; são sensíveis à fluência da originalidade redefinindo suas próprias elaborações; percebem sutilezas comunicativas nas relações dialógicas próprias do processo educativo; receptivos à aceitação de atividades diferenciadas; explicitam sem receios suas diferenças sociais; habilidade para fazerem escolhas; convivência com circunstâncias complexas; capacidade para estabelecer relações entre pontos de vistas aparentemente

contraditórios; participativos na organização das atividades artísticas e estéticas; procuram exprimir o máximo com os recursos escassos presentes no ambiente escolar prisional.

A dimensão sociocultural dos educandos é determinante em seus processos excludentes: vivências carregadas de estágios de vitimação e criminalização. Este é um aspecto que reforça instâncias de repreensividade próprias do ambiente carcerário e antagônicas ao paradigma libertador da pedagogia freireana²⁷. Contudo é a partir dos estudos e aprofundamento nos comportamentos cerceadores da instituição penal sobre os educandos que o educador ressocializador introduziu em sala de aula os aspectos socioculturais e emocionais dos (as) sentenciados (as).

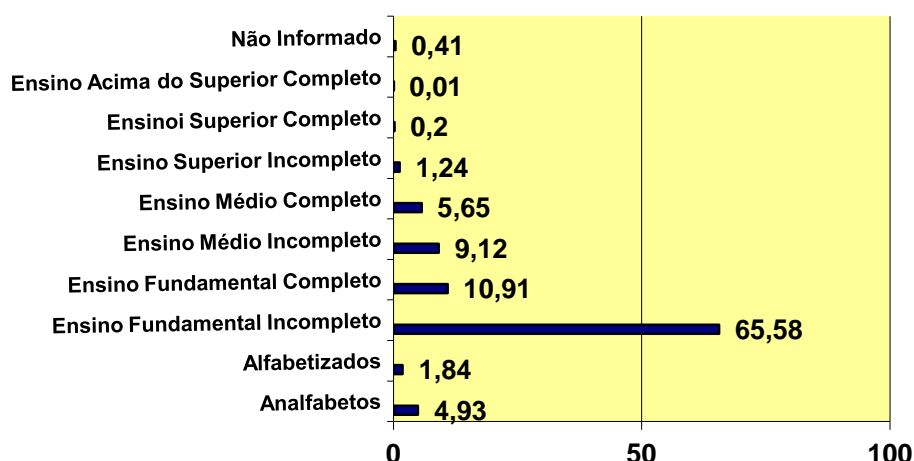
O Departamento Penitenciário Nacional, órgão vinculado ao Ministério da Justiça, divulgou recentemente que o Brasil tem hoje 361 mil presos, dos quais 70% não completaram o ensino fundamental e 10,5% são analfabetos, segundo dados do Ministério da Justiça. Embora a Lei de Execução Penal garanta ao preso o direito à educação, apenas 18% da população prisional brasileira desenvolve alguma atividade educativa durante o cumprimento da pena. As estatísticas relacionadas aos presos que trabalham também são desanimadoras – 70% deles vivem na mais absoluta ociosidade. [...] A educação não é reconhecida como direito fundamental e há ainda a incompatibilidade do horário da escola e do trabalho, dificultando a participação dos detentos que trabalham. Falta compromisso por parte de alguns professores com a escola do presídio e utilização de metodologia atraente. Uma das principais queixas diz respeito ao fato de o estudo não contribuir para a remição da pena, como ocorre com o trabalho.²⁸

Analfabetos: 356; Alfabetizados: 137; Ensino Fundamental Incompleto: 4734; Ensino Fundamental Completo: 788; Ensino Médio Incompleto: 659; Ensino Médio Completo: 408; Ensino Superior Incompleto: 90; Ensino Superior Completo: 15; Ensino acima de

²⁷ Instrumento filosófico e epistemológico da Educação de Jovens e Adultos e matriz paradigmática deste curso de especialização.

²⁸ Ministério da Justiça, 2007.

Superior Completo: 01; Não informado: 30; Total Geral: 7218 internos.



Fonte: INFOPEN - 2006

Gráfico 1 - Quantidade de internos por grau de instrução. Fonte: INFOPEN - Complexo Penitenciário da Papuda. Brasília, 2006.

Atitude destemida dentro de um ambiente hostil como o cárcere deflagrou práticas restauradoras participativas entre jovens e adultos que firmaram exercícios corporais cênicos – coreográficos que se tornaram verdadeiros plasmas sublinhadores de suas existências – danças circulares, gestos expressivos internalizados por ritmos meditativos de contemplação sobre suas próprias condições de vida. A evocação de uma sensibilidade contida pela latência agressiva desencadeou a auto-expressão permitida pela aceitação autêntica da descoberta de quem se é. Este mesmo ambiente de rigor disciplinar e vigilância sobre educador e educando forneceu ao pesquisador ferramentas pedagógicas diversificadas em virtude do contexto prisional limitar a atividade educativa às restrições no direito de ir e vir, à subordinação das ações investigativas policiais, ao reforço do princípio de privilégio a alguns detentos (as) para freqüentarem o setor de ensino e a utilização dos critérios de comportamento ou subalternidade como “moeda de troca” para os sentenciados (as) freqüentarem as aulas de EJA na penitenciária. Os aspectos físicos condicionam-se pela depreciação do corpo em seu estado recluso motivado pelas exigências e rigores disciplinares do cárcere – braços para trás, ombro encolhido e cabeça baixa.

Destes condicionantes desencadeiam-se uma diversidade de enfermidades. O incômodo físico da contenção deflagra a indisposição interior – corpórea/emocional/mental e espiritual. Explicitam-se, então, choques sindrômicos ampliados pelo cerceamento dos sentimentos contidos. Assim, o reumatismo pela alimentação irregular e sem consistência é reforçado pelo estigma depreciativo da

subalternidade evidenciado na penúria colocada sobre a permanente inclinação da coluna e da cabeça; a palidez (anemia e verminose) é ocasionada pela restrição ao “*banho de sol*”²⁹ pois, pelo regime de intensa reclusão – modalidade prisional fechada, de extremo isolamento sob todos os aspectos da vida humana potencializado pelas medidas de vigilância, punitividade, castigos ou troca de favores e segurança máxima – conduz a legitimação de padrões de agressividade entre os internos, policiais, agentes e demais servidores.

Tal modelo de gestão penitenciária provoca um ambiente hostil e demasiadamente propenso a riscos e desafios para a saúde de todos que ali laboram. Neste contexto, a hipertensão e úlcera gástrica entre os detentos caracterizam-se em determinados períodos do ano – “saidões, aniversários, ausência de familiares” – pois, o reencontro com os familiares, círculos de amizade ou mesmo no meio de convivência que antecedeu a chegada na penitenciária pode provocar “desonra”, humilhação, aviltamento de grupos sociais ou entes que julgava até queridos causando no interno uma fragilidade emocional depressiva conduzindo-o a prolongar sua reincidência na criminalidade. A debilidade da arcada dentária vincula-se às anomalias e degenerescências implicadas por uma alimentação inapropriada.

Por inexistir um trabalho de “desintoxicação alimentar”, a dependência química permanece na vida do sentenciado. Uma alimentação insalubre sem as qualidades necessárias e dignas para um ser humano acarreta convulsões e espasmos de abstinência debilitando o sistema nervoso central enfraquecendo a saúde e impondo, a partir do rigor disciplinar penal, o afastamento do dependente químico dos demais sentenciados. Tal atitude não recupera, apenas adocece-lhe mais e permite-lhe um contato mais profundo com a droga dentro e fora da penitenciária. Esta situação, ao invés de ser um problema pessoal do próprio indivíduo acaba deixando-nos vulneráveis às atitudes destes jovens e adultos que, após cumprirem suas sentenças penais, retornam ao convívio social, molestados por enfermidades físicas - doenças infecto-contagiosas, a tuberculose, permanência em lugares frios endêmicos; DST e AIDS - psíquicas e emocionais pela ausência de um modelo educativo e sócio reabilitador.

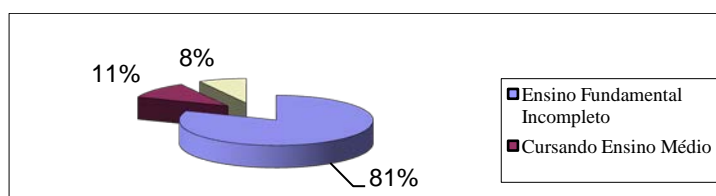
Entidades conveniadas públicas e privadas executam o atendimento médica e odontológica. São distribuídas pela equipe gestora em núcleos para agendamento, avaliação e consulta. Porém, a efetivação do atendimento dá-se somente àqueles

²⁹ Termo utilizado pelos internos para designar o tempo de permanência pela manhã na parte externa do pátio.

sentenciados que se encontram gravemente comprometidos com a saúde. Sendo raro, em função da escassez de recursos humanos e profissionais, o tratamento no início da doença ou enfermidade.

Por constituir-se um local onde a explicitação do sofrimento humano é profundamente sentida, as moléstias, síndromes, transtornos, compulsões religiosas e depressivas, psicoses, neuroses, sociopatias e convulsões psíquicas são freqüentes e constituem quadro crônico em grande parte dos detentos e detentas. Contudo, o tratamento psicológico é limitado, reduzido e permanece por conta de instituições externas públicas conveniadas, sob a ingerência política governamental do momento e muitas vezes realizadas por grupos equipes e voluntários.

A dimensão educacional dos alunos relacionada ao processo pedagógico constitui atividades de regência de classe, programas de ensino aprendizagem, oficinas de arte, laboratórios de expressão cênica, projetos curriculares diversificados que se encontra em efetiva atuação e qualificação por uma equipe de sessenta (60) professores da SEE/DF – cedidos a título de convênio. Esta equipe de profissionais atende aos seis (06) núcleos de ensino prisionais com o suporte de policiais-técnicos penitenciários responsáveis pela guarda, deslocamento e segurança durante as aulas bem como pela escolha daqueles que poderão estudar de acordo com os critérios de seletividade – comportamento, disciplina, postura diante dos demais colegas, atitude de organização, entre outros.



Fonte: PIL/EJA – 2009/2010 e Estudo de Caso³⁰.

Gráfico 2 - A instrução escolar dos educandos de EJA que participaram do Projeto de Intervenção Local.

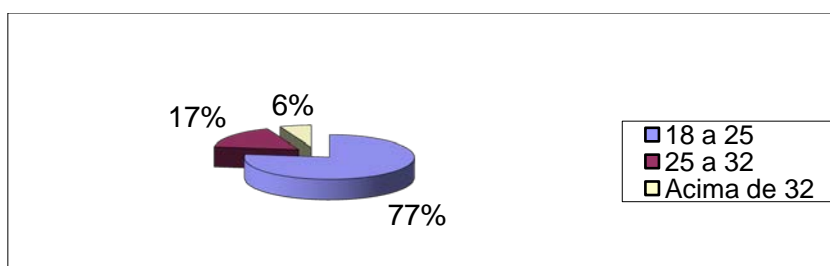
- 81 % dos educandos presos que participaram da Oficina de Artes Cênicas “A Teatralidade Precária” cursavam o Ensino Fundamental;

³⁰ Dados pesquisados e concebidos pelo Prof^o José Nildo de Souza - 2007/2008 - por meio de entrevistas semi-estruturadas e registrados em Estudo de Caso de Técnica de Assuntos Educacionais do MEC, Prof^a Jadete Nóbrega Rodrigues, sob a orientação de Oficial de Projetos da UNESCO e como monografia de conclusão do Curso de Políticas Públicas em Educação com Ênfase em Monitoramento e Avaliação – ENAP/2008

- 11 % dos educandos presos que participaram da Oficina de Artes Cênicas “A Teatralidade Precária” cursavam o Ensino Médio;
- 8 % dos educandos presos cursavam o pré-vestibular.

Os alunos de EJA nas prisões estão na faixa de 19 a 55 anos. Contudo, com a precocidade juvenil na criminalidade observa-se um contingente de crescimento entre os 18 e 29 anos. E eis aqui o desafio para se edificar um paradigma educacional que inclua no trajeto formativo destes sujeitos aprendizes não apenas políticas públicas que reformulem currículos, planos e metas de técnicos indicadores de quadros, balizas estatizantes ou metodologias de como fazer ou elaborar conteúdos de fora para dentro do cárcere.

Há que se estruturar trilhas de aprendizagem formativas sócioeducativas que considere o trajeto das vulnerabilidades na vida destes indivíduos, seus percursos pessoais de vivências no ambiente familiar (*se é que este aluno teve um lar*), aquilo que viveu na rua, na indigência e mendicância, a jornada pelo submundo da drogadição, tráfico, prostituição, abusos, transtornos e o universo da criminalidade – seus modos de ser e estar, a linguagem que o constituiu como um sujeito do protagonismo carcerário (a Antropologia e a Ontologia do Cárcere), mitos, arquétipos, símbolos ou tabus que antecedeu e absorveu-o no mundo prisional. A maneira como a instituição de ensino recebeu este indivíduo também caracterizou o abandono dos estudos, seu desinteresse pelo percurso do saber que encontrou na escola.

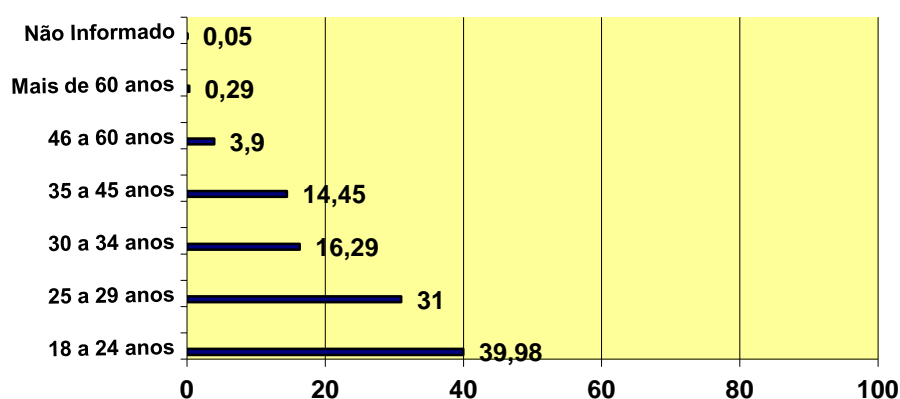


Fonte: PIL/EJA – 2009/2010 e Estudo de Caso

Gráfico 3 - Faixa Etária dos educandos de EJA em Restrição de liberdade no Projeto de Intervenção Local.

- 77% dos alunos internos encontram-se na faixa etária de 18 a 25 anos.
- 17 % encontram-se na faixa etária de 25 a 32 anos.
- 6 % encontram-se na faixa etária acima de 32 anos.

E nós, enquanto educadores de EJA estamos em um ponto crucial de reflexão sobre a significância dos conteúdos sistematizados. *E por que não pensarmos intermediações propositivas entre o saber escolar e o conteúdo de vida deste aluno?*³¹ Pois, aí sim, localizaremos a problemática que representa, possivelmente, o maior desafio da educação de jovens e adultos no cenário das políticas públicas que se reestruturam hoje: a sub-escola – sucateamento físico e material que compromete profundamente a qualidade de ensino – e a subaprendizagem – a perda referencial do valor e essência do que se ensina e do que se aprende na escola. E aqui se instala uma verdadeira questão da relevância e presença da escola no contexto da comunidade – um corpo estranho à vida que pulsa no seio da população, seus “modus vivendis”, as categorias “sui generis” da ambiência cultural de vida tais como: as práticas coletivas do trabalho, as festas comunitárias, as formas produtivas de superação das necessidades locais, a revitalização ritualística das manifestações religiosas profanas e sagradas, as influências midiáticas de comunicação de massa, entre outros.



Fonte: INFOPEN – 2008/2009.

Gráfico 4 - Quantidade de internos por faixa etária. Fonte: INFOPEN - Complexo Penitenciário da Papuda. Brasília, 2006. 18 a 24 anos – 2452; 25 a 29 anos – 2237; 30 a 34 anos – 1176; 35 a 45 anos – 1043; 46 anos; 60 anos – 282; Mais de 60 anos – 21; Não informado – 4; Total Geral – 7215.

Um parâmetro para referendar práticas ressocializadoras dos educandos sentenciados é a “imersão” auspiciosa em suas vidas e trajetórias de exclusões, as origens sócio culturais desta sub-escolarização. Porém, o reflexo do nosso modelo educacional dizimador de oportunidades permanece dentro do cárcere e insiste em sabotar estas práticas. Construíram-se leis que ditam “*ser obrigação das instituições*”

³¹ Proposição do Projeto “A Construção do Ser Social” de José Nildo de Souza. SEEDF/SEJUS/SSP, 2006.

penais proporcionarem aos detentos (as) atendimento educacional nas prisões” ³². Contudo, o status educativo de privilégio que constitui verdadeiro carma social em nosso processo de formação histórica é evocado pelas convenções administrativas das instituições penais como norma regulamentar de seletividade ignorando até mesmo um princípio constitucional de direito à universalização e acesso a educação básica.

O que a justiça recomenda e legitima como efetivo e de comum jurisdição, o rigor disciplinar e a exigência de punitividade para adestrar³³ afronta caracterizando a marca dizimatória que vem pontuando grande parte de nossa formação social – o poder da bala, do tiro e da omissão violenta arraigados em nos mesmos, como produto e processo dos cruéis estágios de colonização dentro de nossa alma nativa. Neste cenário, não se alcança trinta por cento (30%) do atendimento educacional para os presidiários nos núcleos de ensino das penitenciárias.

3.4 Quem são os professores que atuam em presídios na FUNAP?

Eis os sujeitos de conhecimento e, por que não, também aprendizes, quando se dispõe o relevante significado de uma educação libertadora das amarras de toda e qualquer forma de aprisionamento, sejam intelectual, moral, físico, espiritual, político e emocional. O profissional “educador ressocializador” representa aspecto fundante quando se tratam de políticas de reinserção social, conteúdos, metodologias e projetos de intervenção no ambiente carcerário para apenados.



³² Lei de Execuções penais de 1988.

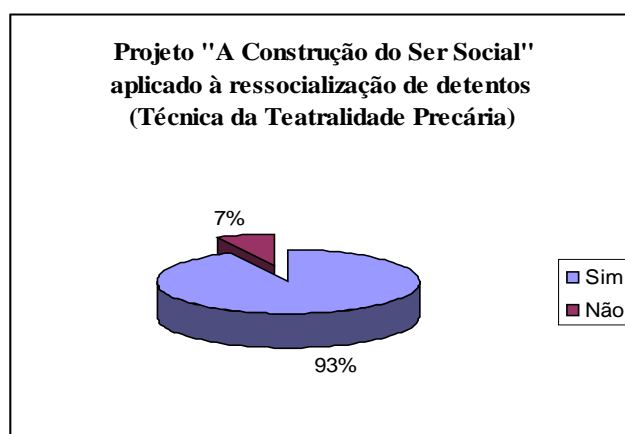
³³ Termo comum no Regimento Interno da FUNAP quando de sua criação em 19 de fevereiro de 1987.

Figura 9 – A Cena Detida II – Centro de Detenção Provisória/Agosto de 2008.

Porém, professores que estão em escolas de presídios não significam necessariamente que optaram por estarem encarcerados numa pedagogia prisional, sustentada pelos condicionantes da vigilância e punitividade, que são procedimentos que atuam diretamente no fazer pedagógico destes profissionais exigindo um desdobramento e/ou acomodação de práticas e ações educativas que possam motivar o educando (a) interno (a).

Na verdade, escolhas não feitas. Quase sempre são produtos e processos de nossos trajetos e necessidades ou, às vezes, uma eminente atitude internalizada motivada por um destemido propósito. Mas, uma certeza esclarece-nos sobre esta modalidade de educação especial: a sua singularidade ultrapassa comparações, pois, educando e educadores estão em condições de tencionamentos por fatores que os ultrapassam – sociais, culturais, políticos, entre outros.

“O espaço de explicitação, conflito e vulnerabilidade sociais em que os profissionais de educação prisional se encontram confinados necessita de regimentos e métodos pedagógicos laboratoriais – oficinas, programas específicos de ensino, pedagogia de projetos, componentes e conteúdos singulares dos procedimentos restritivos de liberdade”³⁴.



Fonte: PIL/EJA – 2009/2010 e Estudo de Caso.

Gráfico 5 - Contribuição do Projeto na ressocialização dos internos / internas.

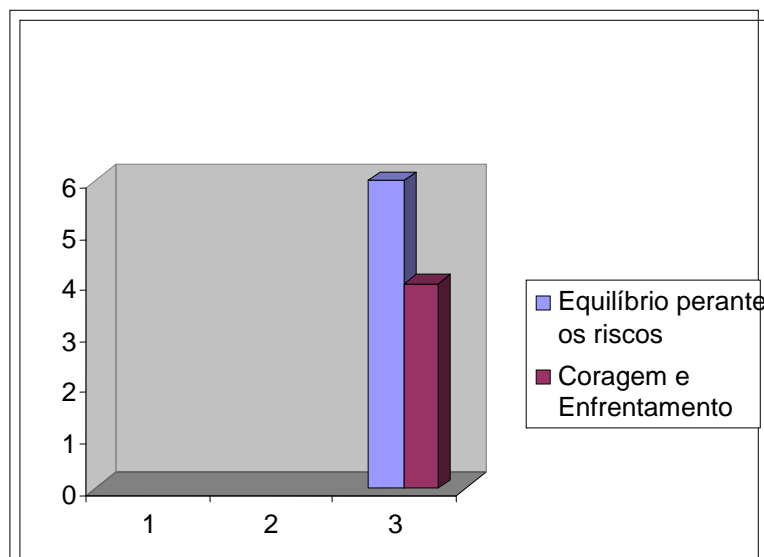
³⁴ Políticas Educacionais: Por Um Protagonismo do Ser Social Carcerário. Trabalho Monográfico. José Nildo de Souza. FACTED. Brasília, 2006-2008.

O critério para lotação dos professores é limitado a entrevistas, questionários, análise de currículo e na maioria das vezes, determinado por conveniências políticas que estão em jogo na ingerência administrativa da penitenciária ou do GDF de acordo com indicação do secretariado, assessores e gestores. Os aspectos diferenciadores que exigem para atuação de profissionais no ambiente carcerário perdem-se pelas determinações criteriosas de vigilância e punitividade bem como às estratégias governamentais de cada época.

O cárcere em seu cenário repressivo condenatório configura uma prática pedagógica de enfrentamentos diante de uma diversidade de indivíduos atingidos pelas vulnerabilidades sociais – drogadição, criminalização, tráfico, abusos, transtornos, desestrutura familiar, dependência química, compulsões, perda de entes queridos, abandono e indignidade, mendicância, desenlace matrimonial, entre outros. Este contexto também produz atitudes ameaçadoras que podem impelir desafios para a saúde física, moral e espiritual dos professores.

Contudo, saber sobre os processos formativos da sociedade brasileira e os estágios de convivência dos educandos pode oportunizar os exercícios dos fenômenos da compreensibilidade razoáveis sobre o porquê temos uma pena de prisão fincada na punitividade ou mesmo, os motivos da existência de sujeitos condenados à restrição do direito de ir e vir. E esta reflexão conduz-nos a ponderações sobre a violência que perpetuamos contra os outros e nós mesmos.

Desde aquelas simbólicas de natureza psicológica, até as fundamentalistas religiosas de essência psíquica ou espiritualista, as de conotações emotivas quando segregamos sentimentos de solidariedade e deixamos sobressair aqueles de categorização egoísticas. Todas estas violências fazem irromper o binômio construção/rupturas com modelos e paradigmas de sociedade que estão encruados em cada um de nós fazendo aflorar-se uma questão de base: _ “Que tipo de homem formar”? “E para que tipo de sociedade”?



Fonte: PIL/EJA – 2009/2010 e Estudo de Caso (2008)

Gráfico 6 - Preparo emocional para enfrentar situações de confinamento.

Grande parte dos educadores entrevistados confirmou estarem cientes do confinamento a que ficariam sujeitos lecionando Educação de Jovens e Adultos no presídio. Responderam que é preciso preparo, coragem e equilíbrio emocional para enfrentar situações de restrição de liberdade – redução temporária que vivenciam referente à perda do direito de ir e vir - por permanecerem encarcerados com os educandos.

Exercendo a construção coletiva de Ser Social³⁵ percebemos que escolhas determinam partilhas colaborativas com os educandos sentenciados (as). E a história profissional dos educadores ressocializadores constitui também o conteúdo da prática pedagógica. Criam-se vínculos assim, com o mundo da cadeia. Porém, uma cadeia que vem carregada de vivências emotivas e tomada por uma destemida declaração de princípios. Isto é, aquela que independente do peso das ferramentas ou das dificuldades em superar obstáculos não impossibilitará de exercermos a função a nos concebida – a restauração da alma humana pelo júbilo e quilate do seu brilho, a dignificação do humano no ser.

³⁵ Projeto “A Construção do Ser Social” – José Nildo de Souza. Brasília, 2006.

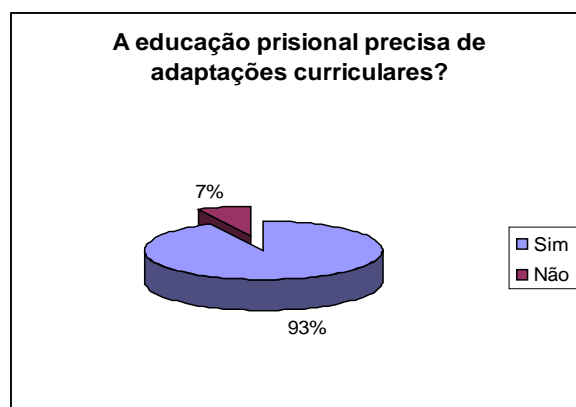


Fonte: Pesquisa de Campo – Fotos do Autor.

Figura 10: A Cena Detida, Centro de Detenção Provisória do Complexo Penitenciário da Papuda, de Agosto de 2008 a fevereiro de 2010. EJA/PIL.

Firma-se assim, uma abordagem interativa entre a “precariedade” e a teatralidade ritualística – a palavra, o gesto litúrgico, o movimento expressivo do desequilíbrio para a reequilibração, a ressignificação do corpo enquanto base para estruturar a protagonização do ser interior e seus processos emancipatórios – mãos, braços, olhos, cabelos, pés, cabeças, ombros, texturas de peles, caracteres de gênero, classe e etnia. José Nildo de Souza.

Porém, há que aspirarmos práticas pedagógicas adequadas ao contexto onde estes jovens estão, sem, no entanto, deixar de ouvir-lhes em sua própria história. As condições corporais são eminentes na ambiência do cárcere para entender essas histórias – cabeça baixa, ombros encolhidos e braços para trás, aspectos significativos de suas vidas como processos de exclusão e trajetória de criminalização. Aqui se emancipa um aprendizado comum aos alunos (as) de EJA sentenciados (as). Ou seja, edificar ações reeducativas referenciadoras de suas próprias vidas.



Fonte: PIL/EJA – 2009/2010 e Estudo de Caso (2008).

Gráfico 7 – Adaptações Curriculares para Intervenção do Projeto Local na realidade prisional. De Julho de 2009 a Julho de 2010.

Refletir sobre aspectos curriculares denota situações de aprendizagem específicas para a educação carcerária. Contudo, as limitações das matrizes curriculares tradicionais devem ser superadas para a edificação de temáticas focadas no projeto de intervenção – a linguagem corporal do ser sentenciado, seus condicionantes expressivos e suas interações com o processo de ensino no cárcere exercitadas cênica e coreograficamente em sala de aula.

Grande parte dos educadores que desempenham regência de classe na penitenciária afirmam que adaptações curriculares são necessárias para se evidenciar situações de aprendizagem contextualizadoras das condições do sentenciado (a). O confinamento pela pena de prisão possibilita o redirecionamento de ações pedagógicas que emergem a partir da leitura de vida dos educandos presos. Adaptações de horários, espaços e condições corporais/disciplinares dos (as) educandos (as) constituem permanentes interferências motivadas por fatores de segurança.

A opção metodológica e as estratégias para viabilizar ações ressocializadoras³⁶ devem considerar esse cenário que se descortina. Explicita-se então, desafios para as políticas educacionais. Os nossos educandos presos também são alunos especiais. Porém, diante de uma realidade diversificada. E para brotar uma aprendizagem genuína desdobramentos devem ser realizados e motivações precisam ser encontradas. As bases para esse entusiasmo não advêm de uma teoria, método, técnica ou política governamental.

O trajeto de vida do educador e seu percurso profissional é elemento catalisador para a propulsão do ânimo criador determinante no afloramento de uma aprendizagem atraente para os educandos (as) internos (as). Assim, focos temáticos, conteúdos e modos peculiares de se avaliar devem valorizar a ressocialização dos sentenciados (as). Não basta adaptações curriculares se não exercem práticas contextualizadas no ambiente do cárcere. As condições corporais impostas pela restrição de liberdade afirmam uma situação particular de aprendizagem no cárcere. Tal condição corporal representa uma perspectiva – de contribuição mínima ou reveladora do significado da precariedade humana do preso (a) nos porões carcerários - para o tratamento ressocializador da pena de prisão e na elaboração das políticas de EJA, pois, adaptações de aprendizagens devem estar em sintonia com a realidade prisional.

³⁶ Iniciativa pioneira do autor da prática ressocializadora desenvolvida nesse PIL.

Práticas como esta ora em estudo, programas e cursos de formação, capacitação específica para levantar possibilidades e necessidades dos sujeitos envolvidos nos fatores ressocializadores de jovens e adultos em restrição de liberdade vem descortinando indicadores e referenciais para legitimar uma matriz reintegradora auto-sustentável e que contenha em sua capilaridade princípios curriculares e conteúdos emergentes para fomentar valores educativos nos educandos (as) que cumprem pena em regime prisional.



Fonte: PIL/EJA – 2009/2010 e Estudo de Caso (2008).

Gráfico 8 - Tempo que lecionam nos presídios do DF.

79% dos professores entrevistados lecionam no presídio de 1 a 5 anos.

21 % dos professores entrevistados lecionam no presídio entre 5 a 10 anos.

A Diretoria de Assuntos Educacionais e Sociais – DIRASE/FUNAP – gerencia as atividades realizadas pelas Coordenações Pedagógicas (de primeiro, segundo e terceiro segmentos) junto ao Corpo Docente. Por intermédio da Orientação Educacional no acompanhamento, suporte, apoio aos educandos e pela Coordenação de Projetos de reinserção social realiza-se oficinas, laboratórios e palestras junto aos alunos-presos.

3.5 Classes Sociais, Etnias e Gêneros presentes nos porões carcerários.

A proposta pedagógica apresentada nesse relatório de intervenção local efetivou processos de ensino e aprendizagem para educandos em situação de restrição de liberdade. Estrutura-se a partir de uma concepção de *educação restaurativa e holística*³⁷ na qual o indivíduo possa prover-se de suas diferenciações e identidades adaptáveis aos níveis de escolaridade voltados para a educação de jovens e adultos. A organização estratégica e coordenativa seleciona elementos de sua

³⁷ Proposição da Prática Ressocializadora “A Linguagem Corporal Reclusa ou A Teatralidade Precária” de autoria e concepção do Profº José Nildo de Souza. Penitenciária da Papuda, Brasília, fevereiro de 2006.

especificidade - os componentes curriculares nos segmentos de Educação de Jovens e Adultos distribuída por modalidades. O educando possui um tempo em sala de aula. Permanece na cela durante maior período.

Numa perspectiva de ampliação para atendimento, avaliações e acompanhamento de aprendizagem - oficinas, cursos e laboratórios - faz-se necessário adaptações e parcerias com as regras de segurança e a equipe de apoio dos policiais para que o educando possa dinamizar seu processo formativo superando as dificuldades advindas da permanente ociosidade. Aos núcleos de ensino recomenda-se a autorização para a utilização de material didático-pedagógico. Assim, a importância do sistema presencial com suas elaborações adaptativas segundo o modelo curricular de restrição de liberdade permite a complementação de estudo com o material didático apropriado ao interesse do aluno.

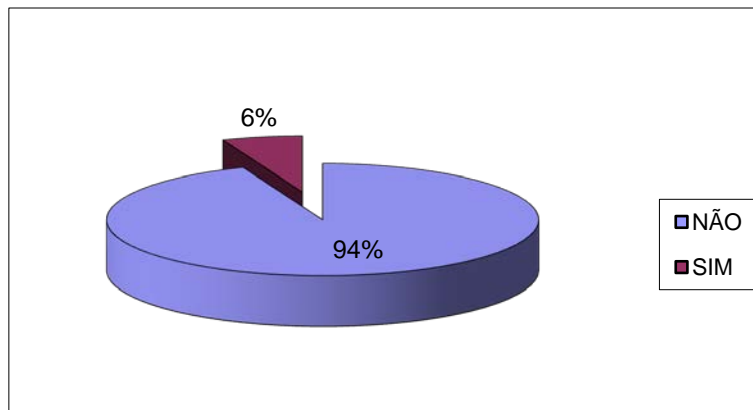
O trabalho pedagógico desenvolve-se em ambientes adaptados. Não existe um Parque Educacional Penitenciário. Menciono o termo “Parque Educacional”³⁸ pois, denota a estruturação de um ambiente de aprendizagem focado na diversidade, proposta ora em estudo neste Curso de Especialização em “EJA na Diversidade e Cidadania”. Este Parque Educacional constituiria sede-matriz para se edificar práticas, projetos e programas em reintegração social dos detentos (as) no presídio incluindo experiências educativas que estes jovens e adultos não vivenciaram na escola que passaram – laboratórios de alfabetização e aprendizagem em leitura e escrita, suportes áudio visuais adequado ao ambiente prisional, salas de jogos e recreações, quadras poliesportivas, ambientes para exercício de aptidões artísticas – sala adequada para laborações teatrais, coreográficas, musicais e artes visuais, auditórios para palestras, congressos e seminários onde os detentos e detentas participariam, não apenas como ouvintes, mas entes sociais propositivos de ações afirmativas nas áreas de Direitos Humanos, Políticas Sociais, Psicologia Restaurativa, Sociologia e Filosofia, Educação Profissional, entre outros.

Se na adolescência você tivesse obtido instrução sobre a vida do crime você entraria nela?

- 94 % dos educandos presos entrevistados disseram que não, não entrariam na vida do crime se recebessem instrução sobre a vida do crime;

- 6 % dos educandos presos entrevistados disseram que sim.

³⁸ Termo citado no Documento “Relatório Nacional Para o Direito Humano À Educação” da Plataforma Brasileira de Direitos Humanos Econômicos, Sociais, Culturais e Ambientais – Governo Federal – Brasil, Um País de Todos. Acessado no Fórum FISC da Sociedade Civil, Belém do Pará, 2009.

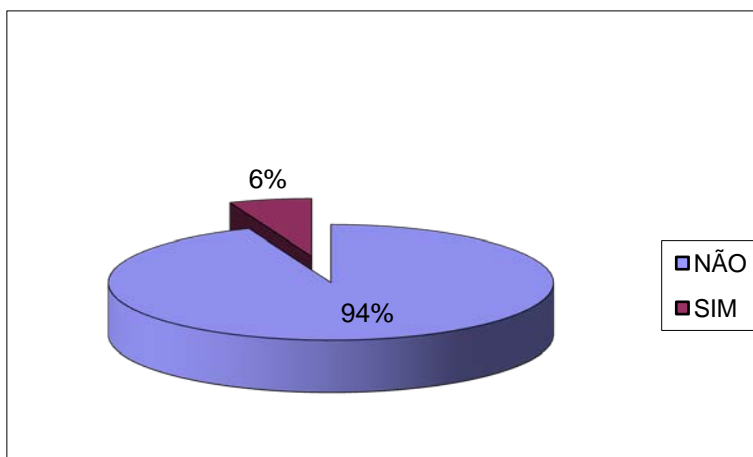


Fonte: PIL/EJA – 2009/2010 e Estudo de Caso (2008).

Gráfico 9 - A Equação Social I: Crime X Instrução em EJA. Fonte:

Hoje você acha que se tivesse obtido uma instrução adequada você estaria preso?

- 94 % dos educandos presos disseram que não, não estariam na prisão se tivessem instrução adequada;
- 6 % dos educandos presos disseram que sim, que estariam na prisão.



Fonte: PIL/EJA – 2009/2010 e Estudo de Caso (2008).

Gráfico 10 - A Equação Social II: Prisão X Instrução Socializadora. José Nildo de Souza. Educação e Diversidade na Cidadania com Ênfase em Educação de Jovens e Adultos – de Julho de 2009 a Julho de 2010.

A arquitetura moderna já prevê modelos de unidades de ensino para educação penitenciária, assegurando espaço apropriado à atividade pedagógica. Um dado positivo em Educação nas Prisões vai de encontro às exigências da Lei: o empenho realizado pelos colegas educadores em condições insalubres de trabalho. Mesmo com a precariedade no ambiente de ensino, as constantes improvisações, interrupções das

aulas em função dos procedimentos disciplinares de segurança, programas e projetos de quilate cultural como o FEST' ART (Festival de Arte e Cultura do Complexo Penitenciário) e a prática ressocializadora “A Linguagem Corporal Reclusa ou a Teatralidade Precária”, organizada, sistematizada e concebida pelo autor deste Projeto de Intervenção Local constituíram ferramentas e motores que impulsionaram ações capilares para a formulação de políticas públicas que incluam as vozes, os braços, os pés e os trajetos dos nossos sujeitos aprendizes em EJA que se encontram em estágios de restrição de liberdade. Por meio destas atividades valorizaram-se a integridade emotiva, espiritual e formativa. Podem representar fator primordial para construção de ações afirmativas visando à emancipação do educando (a) preso (a). Efetivou-se assim, um dos pilares da educação no sistema penitenciário³⁹ – a implantação de conteúdos ressocializativos estratégicos como forma retributiva de aproximação com o meio social e sua reintegração.

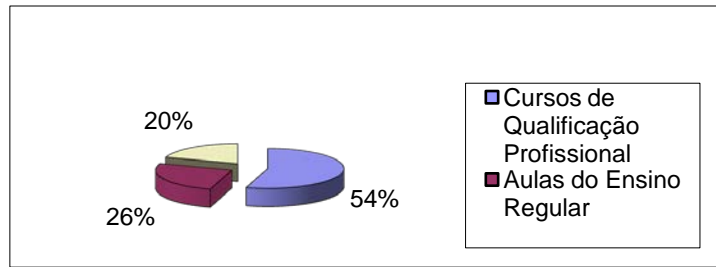
O propósito de um Projeto Político Pedagógico sob a perspectiva da intervenção criadora e construtiva de um ser que se dimensiona como social⁴⁰ é dar vida às práticas ressocializadoras que não possuem espaço institucional em virtude de políticas de governo que se limitam ao reducionismo do “estritamente necessário” ou da sobreposição de programas educacionais com referenciais curriculares inadequados ao ambiente carcerário – estrutura unidisciplinar de ensino, estratégias pedagógicas desvinculadas do trajeto de vida do educando e suas vulnerabilidades sociais.

A forma mais adequada para a realização do Projeto de Intervenção Local “A Construção do Ser Social ou A Teatralidade Precária”:

- 54 % dos alunos internos preferem que a Oficina da Teatralidade Precária possa ser ministrada na forma de cursos de qualificação profissional através do PROEJA;
- 26 % dos alunos internos preferem que a Oficina da Teatralidade Precária seja aplicada durante as aulas de Arte em EJA;
- 20% dos alunos internos preferem que a Oficina da Teatralidade Precária seja aplicada em turno especial e/ou como atividade curricular diversificada em EJA (palestras, seminários, congressos, simpósios, entre outros).

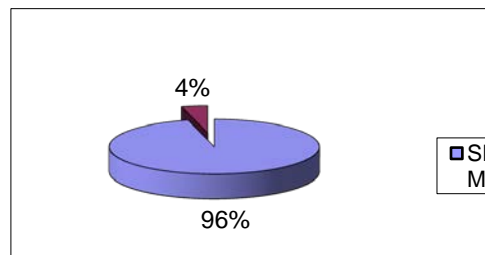
³⁹ Proposta deste projeto ora em estudo.

⁴⁰ Laboratório de Expressão Criadora “A Linguagem Corporal Reclusa ou A Teatralidade Precária”. José Nildo de Souza. Brasília, 2006.



Fonte: PIL/EJA – 2009/2010 e Estudo de Caso (2008).

Gráfico 11 - A Equação Social III: Pena de prisão X Aplicação do PIL.



Fonte: PIL/EJA – 2009/2010 e Estudo de Caso (2008).

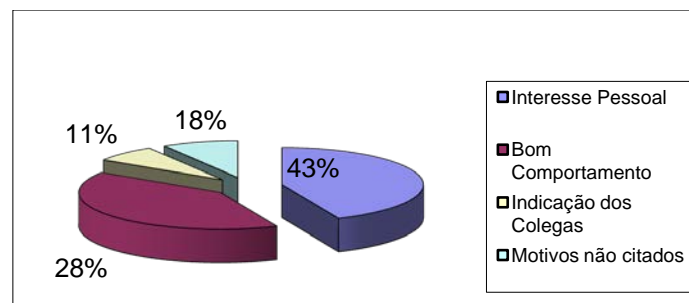
Gráfico 12 - Equação Social IV: PIL X Permanência na Escola Carcerária.

Fonte: José Nildo de Souza. Educação e Diversidade na Cidadania com Ênfase em Educação de Jovens e Adultos – de Julho de 2009 a Julho de 2010.

Você gostaria de continuar participando das atividades da Teatralidade Precária?

- 96 % dos alunos internos disseram que gostariam de continuar participando das atividades da Teatralidade Precária em aulas de Arte para EJA.

- 4 % dos alunos internos disseram que não gostariam de continuar participando das atividades da Teatralidade Precária.



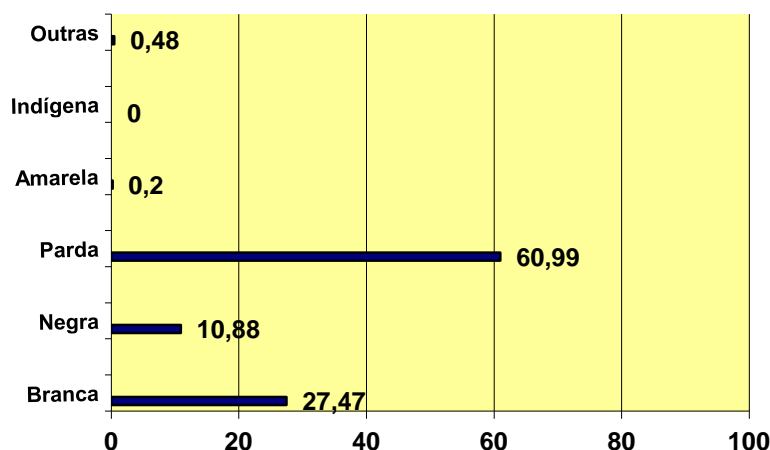
Fonte: PIL/EJA – 2009/2010 e Estudo de Caso (2008).

Gráfico 13 - A Opção dos Educandos Presos por participarem das atividades e situações de aprendizagem geradas com a vivência do PIL.

Você foi selecionado para as aulas de arte no setor de ensino por causa dos critérios abaixo:

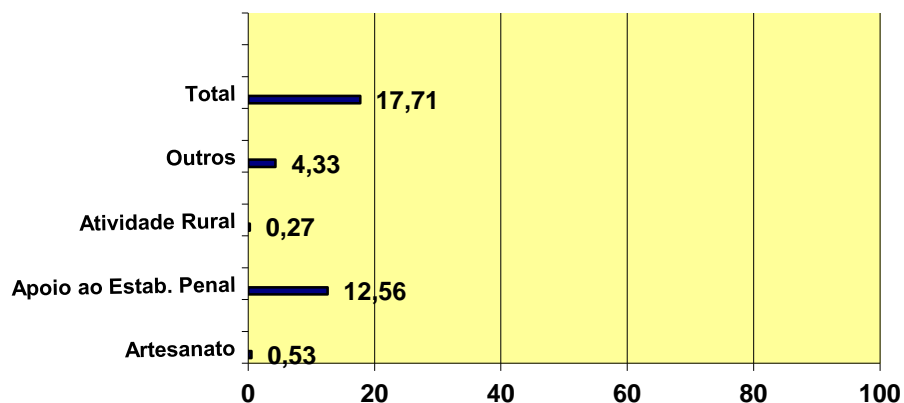
- 43% dos educandos presos optaram pelas aulas do “Laboratório de Expressão Criadora” durante as aulas de EJA *em função do interesse pessoal*;
- 28% dos educandos presos optaram pelas aulas do “Laboratório de Expressão Criadora” *em função do bom comportamento*;
- 11 % dos educandos presos optaram pelas aulas do “Laboratório de Expressão Criadora” em aulas de EJA *por indicação de outros colegas*;
- 18% dos educandos presos optaram pelas aulas do “Laboratório de Expressão Criadora” *por outros motivos não citados*.

Tal projeto para tomar corpo e expansividade exige um permanente estado de “re” pensar modelos educativos e paradigmas metodológicos que nos conduzam a um saber edificado a partir de onde mesmo se está. Pois, o cárcere representa o espaço privado de nossos próprios estigmas e náuseas sociais. Cada educando presidiário é o espelho dos nossos preconceitos formadores da exclusão, por que o Estado que os categorizou não é uma entidade abstrata e sim parte deste processo truculento de dizimação. O Estado é uma extensão de nós mesmos. E quando sabemos onde se vai chegar, torna-se possível construir um Estado que integra-nos.



Fonte: INFOPEN - 2006

Gráfico 14 - Quantidade de internos em programas de laborterapia Fonte: INFOPEN - Complexo Penitenciário da Papuda. Brasília, 2006.



Fonte: INFOPEN – 2006.

Gráfico 15 - Trabalho interno na Penitenciária da Papuda. Fonte: INFOPEN - Complexo Penitenciário da Papuda. Brasília, 2006.

Artesanato – 39; Apoio ao Estabelecimento Penal – 913; Atividade Rural – 20; Outros – 315; Total – 1287; Total Geral – 7267 internos.

Na leitura e na escrita que se faz dos internos (as) sentenciados (as) – a “imersão em suas atividades estéticas criadoras” – capacitamo-nos em um constante exercício de autoleitura ou escrever-se cravando uma história de vida na partilha com um mundo carregado de emoções sentidas. O contexto de uma expressão antes recolhida pelo obscurecimento que o todo social faz do cárcere agora se explicita pela cena/cela/cinema. O presente é a vivência efêmera e quase intangível do gesto renascido. O parecer funde-se com o ser. Pois, o antes não tem como mudar e o depois se deixa para o outrora.



Fonte: Pesquisa de Campo – Fotos do Autor.

Figura 11: Portfólio para oficinas, laboratório, cursos de formação, projetos e programas. Concepção fotográfica/cênico/coreográfica: Profº José Nildo de Souza. Registro: José Ivacy

de Souza. Desde junho de 2007. Centro de Internamento e Reeducação (CIR) do Complexo Penitenciário de Brasília. Especialmente para o Projeto De Intervenção Local do Curso Educação na Diversidade e Cidadania com Ênfase na Educação de Jovens e Adultos. Faculdade de educação da Universidade de Brasília.

O educando no exercício cinematográfico da cena-cela encarna seus ciclos de vias e desvios e uma tensão conflituosa se antepõe entre o que agora percebe e a conquista que se emancipa – tornar-se um Ser Social, dotado por um movimento político de trabalho e dignificação que dos seus próprios braços se constituiu. Destas vias e desvios descobre-se como processo e produto do que é desigual no diverso – sua existência fixada à margem de uma premissa formativa: os estudos que o abandonou ou foi a escola que o designou marginal? O mundo que o formou ou ele mesmo que edificou sua própria clausura criando um mundo que só a ele refletia? Descortina-se aqui um cenário de profunda relevância para a eminência de estratégias pedagógicas ressocializadoras – perceber-se como ser coletivo e individualizado não apenas agora setorializado pela desigualdade do diverso, mas no diverso também é considerado um desigual.

E aqui não cabe um modelo de proposição pedagógica em EJA meramente funcional. Há que se motivar organizações coletivas onde possam ser estendidos braços que se tornem abraços neste movimento de emancipação social. Mais do que um sistema de leis e normatizações, há um corpo que mobilizado se constrói. E uma vida dinâmica se expande dentro de uma consciência que se evidencia. E é na prática ressocializadora interventiva que podemos evocar uma audiência firmando iniciativas impulsionadas por lutas para erguer as vozes e os espaços que se tornaram ausentes devido à perda ou escassez de oportunidades vividas pelos educandos sentenciados. As políticas de governo e as ingerências partidárias locais têm receitado ditados de “como fazer” ou “o que fazer” – Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, Ministério da Justiça, Departamento Penitenciário Nacional, Programa de Segurança com Cidadania, entre outros.

Tais proposições tem servido para se formular uma política avaliativa de relevante significado com cartilhas e índices de medição. Porém, é preciso atingir a voz do interno. E esta voz não se limita apenas a quadros estatizantes. Contêm sim, um conteúdo que vem se passando inaudível e quase que imperceptível. Iniciativas não podem ser relegadas – *Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Ministério da Integração Social, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, Relatoria Nacional para o Direito Humano À Educação, Plataforma*

*DHESCA Brasil, etc*⁴¹. Não representam políticas formalizadas em gabinetes. Esclarece-nos a memória de nossas lutas enquanto convicções históricas e erguidas. Pulsam-nos ações no enfrentamento dos desafios e vidas que não se cansam. Mas antes, se alimentam da vitalidade das conquistas.

Estes marcos institucionais memoráveis constituem indicadores que fazem épocas e delimitam rumos no tempo e não se resolvem apenas substituindo governos, partidos políticos ou pessoas. A produção excludente que deixa a sociedade e gerações de adolescentes, jovens e adultos inteiras a mercê do tráfico, da drogadição e da criminalidade permanece agindo e teimando conosco. E o ser que em nós se constituiu no diverso não reproduz os doentios sintomas dos desiguais. Mas, constrói o diálogo mesmo na vertigem do risco encarcerado das penitenciárias. E este diálogo não se fará na corda bamba de um currículo disciplinar raso, mas que caiba na profundidade dos conteúdos emergentes dos internos e internas.

Almas desamadas que não são meros “abjetos”⁴² de fatores naturais na lógica sobre humana de manipular para segregar e dominar. Assim, há que se transversalizar conteúdos de EJA que absorvam em suas bases nucleares as sementes epistêmicas da psicologia, da política social, da antropologia cultural, dos Direitos Humanos associados às vivências das Mediações de Conflitos, das contribuições cumulativas da Pedagogia Crítico Social dos Conteúdos e seu mergulho hoje na contemporaneidade dos ambientes colaborativos em rede, pois, tais educandos necessitam de amparos formativos, bem como dinâmicas onde possam enxergar suas próprias vítimas que não são eles mesmos. Mas entes sociais que foram usurpados pela violência que perpetuamos entre nós e o nosso semelhante.

Uma resolução propositiva conteria experimentações estéticas expressivas centradas em conteúdos de EJA que evoquem o significado da “intergeracionalidade”⁴³, da introdução em sala de aula dos percursos de vida dos educandos sentenciados, de estratégias coletivas que façam emergir as práticas do trabalho popular e dinâmicas ressocializadoras que atribuam funções para cada membro da equipe de sala de aula – encenações teatrais, marcação de cenas, improvisação para o teatro, exercícios de movimento expressivo, convivência com os símbolos e arquétipos integradores presentes nos quadros e enciclopédias de Arte Clássica e Renascentista, Arte Africana e Oriental, Cultura e Artesanato Indígena, música sacra e indiana. Há dentro da respiração vívida dos educandos (as) internos

⁴¹ Fórum Internacional da Sociedade Civil, Belém do Pará, Brasil, 2009.

⁴² Termo citado por M^a Lúcia Pinto Leal. História Social da Criança e do Adolescente. UnB/Depto de Política Social, 2007.

⁴³ Um dos princípios curriculares da Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) e fundamentos do curso ora em estudo.

(as) um currículo “matriz” onde se fomenta a construção de “ferramentas”. Elaboraões conceituais devem fazer brotar criações que se movimentam em metodologias e se constituirão bases. E mesmo que não se lembrem do *autor anônimo*⁴⁴, as práticas ressocializadoras estarão nas próprias vidas dos sentenciados (as). E são nestas vidas que iremos edificar o corpo de um projeto maior.

O trabalho educativo de recuperação de educandos em situação de restrição de liberdade envolve uma pluralidade de instituições. Apresentamos a descrição da conjuntura e modos de atuação para cada instância específica: Secretaria de Estado de Segurança Pública – SSP; Secretaria de Estado de Justiça, Direitos Humanos e Cidadania do Distrito Federal; SESIPE – Sub-Secretaria do Sistema Penitenciário. Tarefa eximia: administrar o Sistema Penitenciário. FUNAP/DF – Fundação de Amparo ao Trabalhador Preso do Distrito Federal. Tarefa eximia: reintegrar o sentenciado à sociedade. SEE/DF – Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Tarefa colaborativa: ceder os professores para o trabalho sócio-educativo-profissional. Pastoral Carcerária. Tarefa fraternal: oferecer instrução religiosa e apoio espiritual aos internos; SENAC; CODEPLAN; SESI; ROTARY CLUBE; INTEGRA; UnB - elaborar programas e projetos de formação para educandos, professores, agentes, técnicos, servidores, psicólogos, assistentes sociais, entre outros.

3.6 Conteúdos, habilidades e competências ressocializadoras e socioeducativas⁴⁵.

Os conteúdos, temas e assuntos curriculares para a construção de matrizes ressocializadoras e retributivas constituem-se a partir de módulos, eixos curriculares e ementas. Os conteúdos do eixo curricular “**Parte Diversificada**”⁴⁶ representam projetos, programas, atividades laboratoriais – informática, educação física, artes cênicas – ensino religioso, oficinas lúdico-pedagógicas – sarau literário, mostra poética, língua espanhola – alfabetização e arte-educação – teatro, artesanato, música, dança e artes visuais. A ementa deste conteúdo temático pressupõe instrumentos para reconstituição da expressão criadora, o reencontro com o diálogo verbal – fala e escrita. Faz-se necessário mobilizar ferramentas reintegradoras de identidade para formulação de conceitos de cidadania, ética e espiritualidade. Os comportamentos humanos em instituições disciplinares penais permeiam situações de

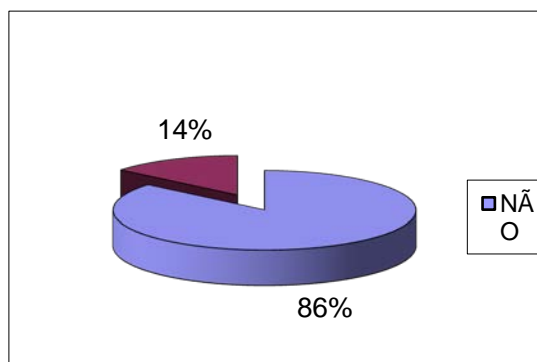
⁴⁴ Professor José Nildo de Souza, autor deste Projeto de Intervenção Local, pesquisador e ressocializador.

⁴⁵ Proposições curriculares do Projeto A Construção do Ser Social – José Nildo de Souza. Brasília, 2006.

⁴⁶ Currículo de Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal. SEEDF. Brasília, 2009.

riscos, fatores de vulnerabilidade social, relações interpessoais, direitos humanos, pedagogia de projetos, gênero, etnia e formação da sociedade brasileira.

O eixo curricular de “**Gestão, Políticas Sociais e Educacionais**” apresentam os recursos humanos para a constituição de formas de planejamento de ensino e aprendizagem apropriados a ambientes prisionais. O direito educacional pode servir-nos de referencial propositivo na elaboração de regimento escolar específico para a modalidade penitenciária. A gestão da administração educacional em instituições disciplinares penais deve apropriar-se dos valores fundantes da Lei de Execuções Penais, da Pedagogia Libertadora em Paulo Freire e a metodologia da pedagogia prisional⁴⁷ embasados no Laboratório de Expressão Criadora⁴⁸, enciclopédias de História das Artes⁴⁹ e o Teatro do Oprimido⁵⁰.

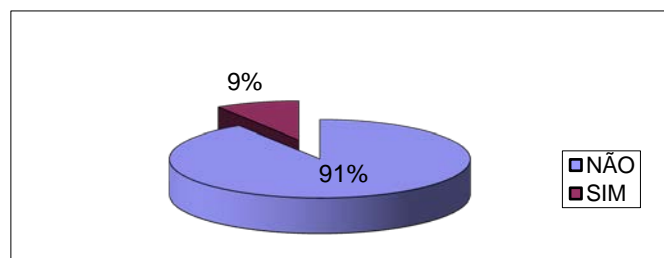


Fonte: PIL/EJA – 2009/2010 e Estudo de Caso (2008).

Gráfico 16 - A Importância da Ressocialização e o PIL.

Quando cometeu o crime você pensou que seria condenado?

- 86% dos alunos internos entrevistados disseram que não; - 14 % dos alunos internos disseram que sim (sabiam que seriam condenados).



Fonte: PIL/EJA – 2009/2010 e Estudo de Caso (2008).

⁴⁷ Sistematizados na “Cartilha do Ser Social” de José Nildo de Souza. Portfólio para proposições de oficinas, laboratórios, experimentações, práticas de mediação de conflitos. Brasília, julho de 2007.

⁴⁸ O Teatro em Sala de Aula. Olga Reverbel. Ed. Scipicione. Rio Grande do Sul, 1960.

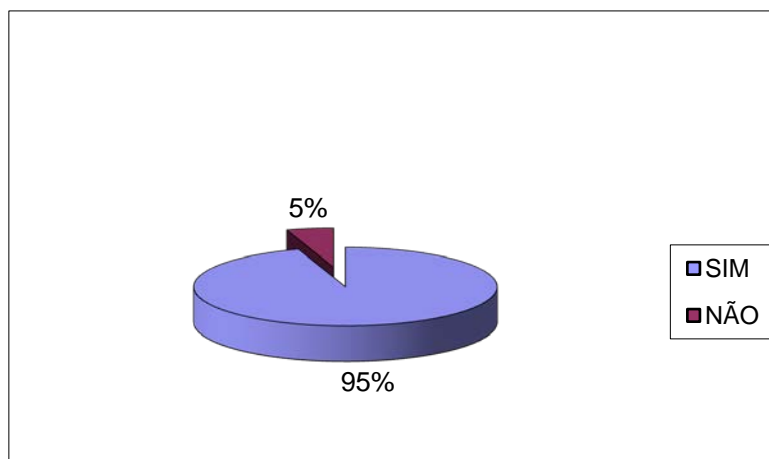
⁴⁹ Histórias dos Museus – Florença, Veneza, Vaticano, Louvre, Londres, Egito, África, México e Índia. Brasil. 1970.

⁵⁰ Augusto Boal, Brasil, 1970.

Gráfico 17 - O PIL: Instrumento Protagonizador da Ressocialização.

Sabia quantos anos teria que cumprir a pena?

- 91 % dos alunos internos entrevistados disseram que não sabiam do cumprimento da pena; 9 % disseram que sabiam.



Fonte: PIL/EJA – 2009/2010 e Estudo de Caso (2008).

Gráfico 18 - A Linguagem Corporal Reclusa e o Ser Social. Fonte: José Nildo de Souza. Educação e Diversidade na Cidadania com Ênfase em Educação de Jovens e Adultos – de Julho de 2009 a Julho de 2010.

Ao usar mãos, pés, braços, ombros, cabeças, olhos e ao tocar na textura dos cabelos e da pele você sentiu que estava dando forma e Construção ao Ser Social?

- 95 % dos alunos internos disseram que sim, ao realizar trabalho de expressão corporal – mãos, pés, braços, cabeças, ombros, olhos, peles, etc. – dariam forma ao Ser Social.

- 5 % dos alunos internos disseram que não, ao realizar trabalho de expressão corporal - mãos, pés, braços, cabeças, ombros, olhos, peles, etc. – dariam forma a Construtividade do Ser Social.

A abordagem temática vinculada ao eixo “**Educação e Qualidade de Vida**” exercita práticas de proteção à saúde e a perspectiva de gênero. A dependência química e o uso de drogas apontam dados para se conhecer as origens das DST e AIDS⁵¹. A deficiência de aprendizagem no contexto prisional descortina também o cenário da superdotação. Pois, a aprendizagem deve estar associada a fatores

⁵¹ Programa Redução de Danos. Ministério da Saúde. Governo Federal. Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República. Brasil/Brasília, março de 2007.

diferenciados advindos dos processos perceptivos, ao pensamento divergente, a capacidade de decisão solidária e autonomia criativa. O eixo que caracteriza a “Educação e Segurança” volta-se para a consecução de procedimentos disciplinares adaptados as unidades de ensino, os direitos fundamentais do educando (a) interno (a), a gestão de conflitos, o psicodrama e a inteligência educacional penitenciária.

3.7 Síntese da Linguagem Corporal Reclusa ou Teatralidade Precária

1 - A comunicação direta, ativa e propositiva entre espectadores e atores⁵².
Representa o primeiro fundamento da Teatralidade Precária;

2 - No ator reside a essência do teatro⁵³: eis o segundo fundamento da Teatralidade Precária;

3 - fluxo vital e ininterrupto⁵⁴ que conduz a uma experimentação constante, *terceiro fundamento da Teatralidade Precária;*

4 - A percepção do Teatro como elemento global para a formação do indivíduo⁵⁵, *este é o quarto fundamento da Teatralidade Precária;*

5 - O sujeito deve ser responsável por sua aprendizagem e autor da própria criação⁵⁶, *aqui está o quinto fundamento da Teatralidade Precária.*

3.8 Roteiro de Atividades

“Agora eu vou cantar pros miseráveis
Que vagam pelo mundo, derrotados
Pra essas sementes mal plantadas
Que já nascem com cara de abortadas”.

Cazuza

Representar um protagonismo de sujeito enquanto ente coletivo. Esta é a jornada do roteiro de atividades onde foram relatadas a experiência do Projeto de Intervenção Local denominado “A Construção do Ser Social” e suas variáveis próprias da natureza do ambiente prisional – os procedimentos disciplinares de segurança, os estágios reclusivos corporais que servem de base para edificação de situações de aprendizagem no ambiente do cárcere – as influências exercidas no ensino

⁵² Teatro do Oprimido. Augusto Boal. SP, 1987.

⁵³ Em Busca de Um Teatro Pobre. Jerzy Grotowsky. SP, Civilização Brasileira, 1971.

⁵⁴ Jackson Pollock. Nova York, 1969.

⁵⁵ O Texto no Palco. Porto Alegre, Kuarup, 1993.

⁵⁶ Pedagogia Libertadora. Paulo Freire. Editora Paz e Terra, 1987.

aprendizagem dos educandos de EJA e sentenciados pela pena de prisão, o esboço e a efetivação de práticas ressocializadoras que contenham em seu cerne a diversidade cultural destes alunos – etnia, gênero, classes sociais e crença.



Fonte: Pesquisa de Campo – Fotos do Autor.

Figura 12: Por um protagonismo de sujeito enquanto ente coletivo. Concepção fotográfica/cênico/coreográfica: Profº José Nildo de Souza. Registro: José Felipe Alves Bittar. Julho de 2007/março de 2010.

As atividades partem de interações com meio sociocultural e educacional da Penitenciária do Distrito Federal em sua diversidade penal – regime fechado, semi-aberto, provisório, de progressão provisória e medida de segurança. Configura-se assim, a criação de identidades de gênero, classe e etnia – poéticas socioeducativas de jovens e adultos através do Cinema, Teatro, Música, Dança, produções performáticas e/ou midiáticas - em ambientes de vulnerabilidades sociais – presídios, manicômio judiciário, casas de detenção, centros de internamento, assentamentos urbanos periféricos, entre outros.

Incorpora-se nesta jornada o clássico e o sagrado presente na História da visualidade estética que compõem a renascença, o barroco, o primitivismo cristão, a africanidade, o simbolismo oriental, etc. O percurso estético e criador das referidas atividades constam de produções documentadas - apresentações teatrais, musicais, poéticas, exposições de artes plástico-visuais e coreográficas realizadas nas cidades satélites (assentamentos, periferia), penitenciária, escolas públicas, congressos e universidades do distrito federal e demais regiões do país – São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Goiânia, João Pessoa, Belo Horizonte, Recife, Belém e Málaga (Espanha).

A área de delimitação do Projeto de Intervenção Local é a temática de “EJA nas prisões” voltada para formulação de políticas e práticas ressocializadoras,

programas de formação, cursos e ações afirmativas pelo direito humano de parcelas populacionais excluídas do saber escolar - vítimas de violência doméstica, dependentes químicos, egressos e internos do sistema penitenciário do distrito Federal.

A Arte na Educação foi uma trilha escolhida pelo pesquisador para erguer estas práticas reintegradoras do ser social no cárcere. E as versões criativas vinculadas aos fenômenos de construtividade estética produziram edificações poéticas, teatrais, cinematográficas, literárias, fotográficas, ilustrações e vídeos. O roteiro das atividades descritivas da experiência caracteriza-se por laboratórios, apresentações, encenações, exercícios de práticas coletivas desencadeadas em parcerias com os educandos presos, exposição e exibição em programas institucionais e não oficiais.

A denominação da experiência com o nome “O Ser Social” denota o objetivo de vivências partilhadas sobre o fenômeno humano da sociabilidade enquanto desenvolvimento de linguagens e códigos expressivos simbólicos. E este objetivo vincula-se aos estágios interpretativos que a “poiésis Greco - helênica”⁵⁷ legou aos processos criadores da arte e da educação, do teatro, do cinema e da fotografia em suas formas de expressões efetivamente sinceras: descobrir a beleza e as condições para construí-la em ambientes, temporalidades, situações ou personagens, sejam protagonistas ou mesmo antagonistas de suas histórias, que ainda não tiveram acesso à experiência estética do belo ou não se tornaram conscientes da existência do “eu” e do “outro” agregando assim a pluralidade do “nos”.



Fonte: Pesquisa de Campo – Fotos do Autor.

Figura 13: Ascensão Espiritual. A Cena do Precário no Feminino – Curta Documentário. Penitenciária Feminina do DF. De Julho/2006 a março de 2010. Concepção Fotográfico-

⁵⁷ Noções elementares da estética e filosofia grega no auge de sua civilização – perfeição, proporção, beleza. A Arte de Ver a Arte de Susan Woodford. História da Arte da Universidade de Cambridge. Círculo do Livro. São Paulo, Brasil. 1983.

Cênica/Cênica/Coreográfica: José Nildo de Souza. Educação de Jovens e Adultos – 2º e 3º segmentos. Especialmente para o Projeto de Intervenção Local.

A epistemologia construcional da filosofia estética⁵⁸ se desencadeia neste processo criador. Ora se internalizam – trilhas psicolingüísticas de aprendizagens imagéticas – ora se desdobram semeando elementos contextuais – modos de ser e estar (fala e escrita), gostos artísticos, estilos e condutas estéticas expressivas, práticas fraternais do trabalho popular (Educação de Jovens e Adultos), ambiente comunitário, entre outros.

Os personagens dos educandos (as) presos (as) são figuras “auto” representacionais dotados de singularidades, porém, marcados pelos estigmas da exclusão. E é aqui, na configuração destes estigmas que se descortinam processos identitários, pois, tratam-se de encenações sobre a própria condição física e emocional do ser encarcerado pelos estágios de flagelação criminal – o subemprego, o alcoolismo, o tráfico de drogas, a dependência química, a prostituição, a violência doméstica, o homossexualismo, dependentes químicos, moradores de rua, mães grávidas solteiras, indigentes e mendicantes, o desempregado, lares familiares desestruturados, os compulsivos por religião, o ladrão, entre outros.

Filtrados pelas ações cênicas construtivas do ser social carcerário, estes educandos terão oportunidades de encenarem ou fazerem uma “re” leitura adicional destes personagens reais e imaginários presentes no seu ambiente cultural – dança de rua, a arte do grafite, a escrita tribal dos muros da apartação social, o hip hop, códigos sígnicos simbólicos, a batida “bem bolada”, os “cabeça”, os “DJs” – com o estudo e as imagens das obras da arte clássica, renascimento, barroco, modernidade, arte africana e oriental intermediado pelos elementos compositivos da visualidade estética – movimentos, estilos tendências, instrumentos expressivos (cor, linha, textura, sombra, linha, ponto, reta, profundidade, perspectiva, ritmo, proporcionalidade, entre outros).

As ações cênicas são constituídas por jogos, construção de formas corporais e coreográficas. Os espaços dos ambientes prisionais utilizados como ambientes cênicos são as próprias salas celas dos setores de ensino ou os pátios onde os presos tomam “banho de sol”. A sonoplastia é feita através da utilização de equipamentos de reprodução sonora (quando autorizados pela vigilância penitenciária) além da

⁵⁸ Schiller e a Educação Estética do Homem. Harold Osborne em “Estética e Teoria da Arte”. São Paulo. Cultrix, 1970.

utilização de sons corporais próprias dos estilos hip hop – emissão de ruídos ritmados no abrir e fechar dos lábios, palmas e imitação de sons de batidas digitais por meio de melodias compiladas na região do tórax.

O cronograma da elaboração das encenações sobre o movimento expressivo é constituído por ensaios que podem apresentar a seqüência: criação de histórias (4 aulas), elaboração do roteiro (2 aulas), improvisações espontâneas e construção de ações cênicas (6 aulas), encenação teatral com marcação de cenas (6 aulas), ensaio geral com a turma (2 aulas), apresentação cênica coreográfica (1 aula), registro áudio visual com autorização expressa dos educandos internos (1 aula), avaliação das apresentações teatrais (2 aulas).

O roteiro elaborado pelos professor/educandos (as) internos (as) após os exercícios cênicos sobre o jogo teatral no movimento estético expressivo intitulado “A Linguagem Corporal Reclusa ou a Teatralidade Precária” descreve de modo sintético personagens, ações, o ambiente do condicionamento físico/gestual do cárcere, a temporalidade efêmera do lúdico rompido pelas interferências dos procedimentos disciplinares de segurança – vigilância, chamada de alunos, punitividade, passagens e entradas de policiais ou agentes / técnicos penitenciários, disparo de sirenes alertando motins, brigas no pátio, ou no setor de ensino, término da aula antes do horário previsto, entre outros.

No cárcere, o corpo detido pelo gesto recluso é o elemento essencial para o trabalho cênico expressivo. E é nesta essencialidade que se revela a precariedade como forma básica para se edificar a restauração ética e estética dos educandos. Com o rigor da exigência disciplinar, a Teatralidade Precária torna-se uma trilha ressocializadora para Educação de Jovens e Adultos sentenciados, pois, o aluno (a) aprende a dizer sua fala, aprende a escrever sua expressão pelo que é e não somente pelo que representa ser. Nasce assim, desprendido de uma exigência técnica/didática e metodológica, um aspecto social do ser individualizado dotando-lhe de identidade de classe, etnia, de gênero e cativado pelo que nunca havia demonstrado – ser o protagonista de sua história - condensada pela demonstração vívida das oportunidades que perdeu ou pela escassez sentida do acolhimento de um lar, do abandono dos entes queridos e dos parceiros que antes o acompanhavam pelo caminho.

Desta forma, a edificação de um programa de formação de jovens e adultos no cárcere que utilize a precariedade enquanto substancialidade para projetos como este

ora em elaboração, constitui mecanismo de auto-reconhecimento sensorio perceptivo da consciência do encarcerado – problematização do contexto de vida em sala de aula⁵⁹ - no trato cênico que media a emancipação expressiva do corpo no seu estado de reclusão. E isto pode vir a auxiliá-los desde as tarefas carcerárias mais comuns até aquelas complexas de aceitação das diferenças pela condição mesma em que se encontra exigindo-lhe uma apropriação introspectiva. Isto é, “re” aprender a ver a si no espelho das conseqüências dos atos que deliberada ou inconscientemente executou – usurpando de si o direito de ir e vir pela licenciosidade que julgou obter sobre aquele que o assemelha.

Firma então pela vivência do gesto antes contido a certeza confiante na cena que fora detido. Ergue então o ombro que o pesava quando a mão sobrepôs na consciência o peso do ato infalível. E percebe que não se pode mudar o feito. Mas, o ensino do acontecido se faz agora notório. Então a cabeça é destemidamente levantada e nesta ação inicia-se a demanda da superação. Cria-se assim, estratégias de aprendizagens para as demais áreas de conhecimento.

Da Literatura, a precariedade cênica do corpo recluso utiliza a poesia, a prosa, a produção de textos, os diálogos, a interpretação, o estilo e tendências literárias. Trabalha conteúdos da Matemática e da Geografia na marcação das cenas e ilustrações geometrizadas do espaço coreográfico da cena cela. Da História extrai a temporalidade e a fatalidade do ato detido pelo que se sente real perecível. Das Ciências restaura a identidade do corpo pelo estudo da condicionalidade físico/químico/biológica dos estágios da reclusão. Da visualidade estética inserem na vida escolar dos educandos conceitos de cinema e televisão, mídias informáticas pela profissionalização, incluindo a dança e vertentes da coreografia.

As atividades e informações desenvolvidas durante a execução da prática ressocializadora constituem ações de reinserção social – exibição de vídeo/exposição fotográfica – e de conhecimentos sobre educação de jovens e adultos condenados à pena de prisão. Abordam, ainda, as áreas de direitos humanos, cidadania, justiça social, meio ambiente, saúde, bem como, habilidades técnicas específicas para atuações em ambientes de risco que exigem a mediação de conflitos. Assim, o projeto de intervenção local é premissa compositiva para cursos de aperfeiçoamento, gestão, monitoramento e avaliação continuada de profissionais. Implementa processos gerenciais de qualificação em rede, para a Educação de Jovens e Adultos e programas de formação de educadores - educação a distância, ciências da saúde,

⁵⁹ Educação como Prática da Liberdade. Paulo Freire. RJ, Paz e Terra. 1992.

atendimento psicossocial, ecologia mental e meio ambiente, direitos humanos, cidadania e justiça social, ressocialização, estatuto da criança e do adolescente, arte e cultura, etc.

As principais atividades concebidas, coordenadas e gerenciadas pelo Educador Ressocializador para a realização do Projeto de Intervenção Local “A *Construção do Ser Social*” foram:

- Laboratório de Expressão Criadora que constitui a *idéia matriz*⁶⁰ da Prática Ressocializadora “A Linguagem Corporal Reclusa ou A Teatralidade Precária” que se iniciou em fevereiro de 2006 no Complexo Penitenciário da Papuda – Centro de Internamento e Reeducação (CIR) e Penitenciária I do Distrito Federal (PDFI) a partir de jogos de encenação performática e coreográfica⁶¹.

- Documentários em forma de Vídeos e Mídias Cinematográficas intituladas de acordo com a periodicidade de suas criações:

- A Linguagem Corporal Reclusa ou A Teatralidade Precária – julho de 2007
- A Construção do Ser – Abril de 2008
- A Cena Detida – Outubro de 2008
- A Cena do Precário no Feminino – agosto de 2009
- A Escassez do Teatro Precário – dezembro de 2009

- Exposições fotográficas.

- Sistema Nacional Socioeducativo (SINASE) – desde julho de 2010.

- Planejamento e Instrumentos de Avaliação em Educação Especial – SEEDF – desde abril de 2010.

- Apresentação no Fórum Internacional da Sociedade Civil (FISC), novembro de 2009.

- Laboratório Corpo Criativo de Dança Contemporânea. Grupo Basihah. Julho/2009.

- Estudo de caso de Técnica em Assuntos Educacionais do MEC, Prof^a. Jadete Nóbrega Rodrigues, para conclusão do *Curso de Especialização em Políticas Públicas da Educação com Ênfase em Monitoramento e Avaliação*, sob o título “A *Ressocialização de Detentos Por Meio da Técnica da Teatralidade Precária*” no ano de

⁶⁰ “Os condicionantes reclusivos do cotidiano prisional devem estar presentes nas vivências de sala de aula possibilitando atividades integradoras entre conteúdos de aprendizagens diversificadas (transdisciplinaridade) e potencializando a reinserção do detento / detenta ao meio social” - José Nildo de Souza, fevereiro de 2006.

⁶¹ Fundir teatro e dança a partir de uma instigação comum entre professor e aluno: explicitar em sala de aula a base corporal do educando no cárcere - modos de andar, gestos que o identificam como um ente dotado de um protagonismo capturado em forma de exercícios cênicos e coreográficos – que constituem aspectos mais sutis da reclusão.

2008, pela Escola Nacional de Administração Pública (ENAP), orientada por Oficial de Projetos da UNESCO, Prof. Eduardo de São Paulo.

- Monografia de autoria do Profº José Nildo de Souza para conclusão do *Curso de Especialização em Educação Especial no Sistema Penitenciário, sob o título “Políticas Educacionais: Por Um Protagonismo do Ser Social Carcerário (2006) na Faculdade de Ciências e Tecnologia Equipe Darwin - 2008.*

- Elaboração de uma Tese de Pesquisa para conclusão do Mestrado em Educação pelo Programa de Educação Especial e Saúde Pública (PRODEESP) em parceria com a Universidad de Los Pueblos de Europa - 2006.

- Cartilha intitulada “*A Construção do Ser Social*”, portfólio para oficinas, laboratórios, cursos de formação, projetos e programas- 2007.

- Referenciais Para Uma Matriz Curricular em Educação nas Prisões – EJA, sob o título “*Matriz Curricular do Projeto Político Pedagógico*” para conclusão do Curso Educação, Saúde e Cidadania no Sistema Penitenciário pela Secretaria de Estado de Educação do DF/FUNAP/UnB/DEPEN – 2007.

- *Instituto Ser Social - Orientação Pedagógica, Educacional e Cultural – 2009.*

- *Exposições Fotográficas e Exibição de Vídeos* com palestras e abertura para autoridades e sentenciados nos regimes penais do Sistema Prisional do DF- 2008.

- *Exposições Fotográficas e Exibição de Vídeos* nos espaços culturais de Brasília e escolas públicas com apresentações teatrais e coreográficas:

1) *I Mostra de Teatro, Música e Dança do Complexo Penitenciário da Papuda –* apresentação dos alunos da Penitenciaria II do DF (PDF II), novembro de 2006.

2) Produção e Apresentação do Vídeo e Curta Cinematográfico “*A Linguagem Corporal Reclusa ou A Teatralidade Precária*” para os alunos – internos, agentes, gestores e policiais na Penitenciária I do Distrito Federal (PDFI) e no CIR (Centro de Internamento e Reeducação) - maio e julho de 2007 na *II Mostra de Teatro, Música e Dança do Complexo Penitenciário* do DF.

3) Hotel Nacional de Brasília, abertura do *Seminário Internacional de Representações Sociais*, Instituto de Psicologia / UnB (julho 2007).

4) Biblioteca Pública de Brasília T Bone, lançamento do Livro “*Cadeias de Sentimentos*” do escritor e publicitário Joilson Portocalvo (agosto/2007).

5) *Programa de Medidas Socioeducativas*, SEJUS/FUNAP/SEEDF/CONAD/MEC/GDF, no Parque da Cidade, BsB, set. 2007.

6) Seminário do Programa de Mestrado/Doutorado em Política Social da UnB, “*Matriz Curricular Socioeducativa - Políticas Educacionais*” (outubro de 2007)

- 7) Exposição e Exibição de Vídeo "*A Linguagem Corporal Reclusa ou A Teatralidade Precária*" , na Penitenciária II do DF (PDF II) para autoridades governamentais, internos e funcionários do Complexo Prisional do DF. (OBS: painéis fotográficos concebidos e montados pelo Profº José Nildo de Souza em conjunto pelos alunos internos, no mês de novembro de 2007)
- 8) *Apresentação de Teatro, Música e Dança no CELAN* (Centro de Ensino Fundamental do Lago Norte), novembro de 2007.
- 9) Apresentação de estudo de caso de Técnica em Assuntos Educacionais do MEC "*A Ressocialização de Detentos Por Meio da Técnica da Teatralidade Precária*" na ENAP (Escola Nacional de Administração Pública), março e abril de 2008.
- 10) Fórum "*Diversidade Étnica, Mulheres do Brasil e África*", no Like Side Hotel Residência, abril e maio de 2008.
- 11) *Produção, elaboração e pesquisa para montagem de Vídeo e Exposição Fotográfica na Penitenciária Feminina do DF*, de maio a novembro de 2008.
- 12) *Produção, elaboração e pesquisa para montagem de Vídeo e Exposição Fotográfica no Centro de Detenção Provisória, "A Cena Detida"*, de março a novembro de 2008.
- 13) Seminário de "*Adolescentes, Clínica e Cultura*", Auditório Dois Candangos, Faculdade de Educação, Instituto de Psicologia/UnB, julho e agosto de 2008.
- 14) Apresentação no Centro de Detenção Provisória , Complexo Penitenciário do DF, para os alunos-internos, professores, gestores e policiais, "*A Cena Detida*", out./2008.
- 15) Apresentação e Exibição de Vídeo e Curta Cinematográfico "*A Linguagem Corporal Reclusa ou a Teatralidade Precária*", no Festival de Cinema de Brasília, "Cine Periferia", CUFA/SESC-DF. OBS: o vídeo foi selecionado concorrendo com 3.000 curtas em todo o Brasil, novembro de 2008.
- 16) Participação no Seminário "*Redução de Danos*" do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da Republica, Palácio do Planalto, dezembro de 2008.
- 17) participação no "*Fórum de Diversidade Religiosa*", EAPE (Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação da SEEDF) março de 2009.
- 18) Montagem do "*Instituto Ser Social*", a partir de março de 2009 para atuação em frentes de vulnerabilidades sociais.
- 19) Apresentação em *Seminário de Pesquisa temática (Mestrado/Doutorado) Políticas de Desenvolvimento Humano e Social* na UnB/PRODEESP, março e abril de 2009.
- 20) Membro e pesquisador no Curso "*Laboratório Criativo*" do Grupo Basihah de Dança Contemporânea pela EAPE/SEEDF com a metodologia da "Linguagem Corporal Reclusa", "A Teatralidade Precária" e a "Cena Detida", desde maio de 2009.

- 21) Exibição de Vídeo e Documentário Cinematográfico no Programa “Mostre o Seu Valor” do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, agosto de 2009.
- 22) Apresentação de Projeto, Painéis Fotográficos e Exibição de Vídeo “A Cena Detida na Teatralidade Precária” no Fórum Internacional da Sociedade Civil – FISC – Belém, dezembro de 2009.
- 23) Elaboração de Pesquisa para o Programa do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE) – início em março de 2010.
- 24) Planejamento e Instrumentos de Acompanhamento Pedagógico em Educação Especial – EAPE/SEEDF, desde abril de 2010.
- 25) Projeto de Intervenção Local (PIL) para conclusão do Curso de Especialização em Diversidade e Cidadania na Educação de Jovens e Adultos pela FE/UnB – desde julho de 2009.

3.9 Sugestões de Atividades

Estudar os artistas, suas produções e as inter relações entre as inquietações da vida criativa e as vivências dos educandos sentenciados em suas trajetórias de exclusão.

Estudar o patrimônio artístico, histórico e cultural e suas depreciações no mundo contemporâneo. Mediar com obras e critérios artísticos e estéticos.

Acervo da produção artística dos educandos (as) sentenciados (as): experiências culturais dos alunos.

Construção de formas corporais: movimento expressivo, relação corpo / espaço, emancipação do movimento, ritmo e sons corporais, equilíbrio e harmonização da gestualidade.

Análise e reflexão da produção cênica: exposição oral, audiovisual, cinematográfica e escrita sobre as peças e encenações teatrais.

Observação/delimitação do espaço cênico na cena cela através de leitura estética expressiva: criação de cenas a partir de locais propostos e desenho de observação.

O teatro no cotidiano do cárcere: o corpo recluso e os condicionantes disciplinares que limitam a completude gestual da cena, temáticas de interesse coletivo e formação de equipes.

Elaboração de textos: personagens, espaço cênico, tempo, conflito e ação cênica.

Teoria e História das Artes Cênicas: conhecimentos e vivências.

Estudos sobre Museus, Galerias, Enciclopédias Ilustradas, Exposições que acontecem nos espaços culturais da cidade e aprofundamento de conceitos artísticos e estéticos.

Modos de representação: estudos sobre as concepções e teorias de interpretação teatral.

Conceitos de arte na contemporaneidade: do individualismo para a criação coletiva; da genialidade para a produção artística; as determinações das condições materiais de sobrevivência e os estágios de vulnerabilidades sociais que os educandos (as) de EJA se encontram – criminalização, drogadição, tráfico, abusos, prostituição, abandono dos estudos, entre outros.

História da Arte e intersecções com a cultura do educando sentenciado: releitura estética expressiva de obras, estilos e tendências dos movimentos artísticos a partir dos modos de pensar e agir dos alunos (as) internos (as).

A teoria e a prática artística histórica: participação no momento cultural e artístico brasileiro.

Aprofundar conhecimentos estéticos significativos para a nossa cidadania.

Seleção de produções artísticas elaboradas pelos educandos que traduzam suas trajetórias em educação de jovens e adultos: registros históricos, documentários, publicações e períodos.

Tendências da arte: época, relações, valores e análise da obra de arte.

Atividades interdisciplinares: História e Teoria das Artes, Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e História.

Leituras e reflexões: Arte, experiência criadora e estética, conhecimento, interpretação do mundo e expressão humana.

Discriminação cênica: de sons, de falas, de cenas e de movimentos.

Pesquisa sobre produção estética nas penitenciárias: festivais, mostras, concursos de arte e cultura.

Meios e difusão das experiências artísticas dos presos: cinema, teatro, publicações poéticas e literárias, documentário, vídeos midiáticos, exposição fotográfica e artes visuais.

História das Artes Visuais: cênicas, danças, plásticas, cinema e vídeo.

Análise e apreciação de obras de arte: enciclopédia, vídeos, documentários, entre outros.

Apresentações cênicas e debates sobre a produção artística e estética dos educandos.

História da arte feita dentro do presídio: valores e significados, contos, músicas, artesanato, produção literária, etc.

Trabalhos de artistas presos: elaboração expressiva e elementos do fazer artístico.

Comunicação social: televisão, rádio, vídeo, discos, histórias em quadrinhos, etc.

Referências artísticas e estéticas dos alunos presos: concepções de beleza e de cotidiano prisional.

Atividades de percepção, imaginação e espontaneidade.

Seleção e escolha de elementos artísticos e estéticos do cotidiano.

Pesquisas e trabalhos dos alunos.

Organização de atividades lúdicas.

Procedimentos metodológicos para educação de jovens e adultos no presídio: roteiros de aulas, redações e documentários.

Linguagens teatrais – improvisações, encenação, expressão corporal e apresentação cênica – para compreensão de princípios básicos da gestão penitenciária – autonomia e participação ou centralização/individualismo.

Pesquisa sobre produção cultural em educação de jovens e adultos no cárcere: compreensão do processo educativo.

4 - A Linguagem Corporal Reclusa ou A Teatralidade Precária: Uma Experiência em Sala de Aula.

“No novo tempo,

Apesar dos perigos!

Estamos em cena, estamos nas ruas

Estamos na luta pra sobreviver”.

(Ivan Lins).

Esta atividade tem como tema “*A Linguagem Corporal Reclusa ou a Teatralidade Precária*”. Vem sendo desenvolvida desde o ano letivo de 2006 com experimentações atuais em regência de classe - componente curricular Arte – no calendário escolar de 2007/2008/2009 e até o mês de março de 2010 nas unidades de ensino do sistema penitenciário PDF I, PDF II e CIR na modalidade “Educação de Jovens e Adultos” – 2 e 3 segmentos (5 a 8 séries) e Ensino Médio. O trabalho envolve conteúdos das disciplinas Teatro, Artes Plásticas, Música, Literatura, Língua Portuguesa, História, Ciências Físicas e Biológicas, Ensino Religioso, Educação Ambiental, Pluralidade Cultural e a Parte Curricular Diversificada do Currículo de Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal.

Cada aluno foi orientado a fazer observações e leituras sobre seu próprio corpo implicando com isso, o reconhecimento de sua condição de encarcerado e deflagrando assim, por meio de exercícios corporais expressivos, um processo interno de auto percepção de si e do outro e o despertar de assuntos do cotidiano prisional dos educandos presos – “*a marca da prisão no corpo*”, “*a reconstrução de si*”, “*o olhar aterrorizado*”, “*a cabeça abaixada*”, “*o ombro encolhido*”, “*a vergonha e o medo*”, “*a respiração curta*”, “*o rosto triste*”, “*o envelhecimento precoce*”, “*a expressão desesperada*”, “*a apatia*”, “*a compulsão religiosa*”, “*o choro e o toque de apoio*”, “*a mistura de dor e agonia*”, “*a perda de controle emocional*”, “*o delírio e o grito*”, “*os tabus e os preconceitos*”, “*o cuidado do corpo diante de sua degradação*”, “*o corpo como registro pessoal e histórico do ser humano*”.

O equilíbrio, a harmonização dos gestos, as formas corporais que desdobram a condição de submissão foram revelando uma gradual construtividade do movimento expressivo que chamo de “*precário*” em função das condições mínimas de recursos que podem estar presentes nas aulas de arte. Esta referida precariedade vem permitindo a busca de formas de expressão que superem tanto as condições do enclausuramento - próprias do ambiente prisional - como das limitações corporais reclusivas que caracterizam a gestualidade cênica dos educandos – modos de andar e agir, reorientação da fala, saber dirigir-se aos colegas, experimentações gestuais, mímicas, pensamento e ação.



Fonte: Pesquisa de Campo – Fotos do Autor.

Figura 14: “Os pés foram lavados na fonte do coração”. Concepção Poética/Fotográfica: José Nildo de Souza. Do Curta Documentário: “A Construção do Ser Social ou A Teatralidade Precária”. Laboratório de Expressão Criadora. Julho de 2007/2010. Registro: José Felipe Alves Bittar.

Após observações e leituras realizaram-se as seguintes atividades: seleção e organização de assuntos sobre o tema – corporização gestual e plástica, ilustração visual e cênica corporal, limpeza e higiene, preservação do corpo, conservação harmoniosa do movimento expressivo, relação espaço / contenção da liberdade, equilíbrio corpo / mente, prevenção ao uso indevido de drogas, a escola do corpo e o corpo na escola, a família, a justiça social e o desemprego.

A partir da organização dos assuntos tirados do tema “*A Linguagem Corporal Reclusa ou A Teatralidade Precária*” os grupos selecionaram os assuntos preferidos pela maioria dos alunos. Ocorreram exercícios e experimentações por meio de atividades cênico/visuais e expressivas. Os educandos decidiram sobre os assuntos da temática básica optando pelo trabalho coletivo sobre os títulos “*preservação e reconquista da harmonia corporal*”, “*ecologia mental*”, “*educação expressiva*”, “*prevenção ao uso indevido de drogas*”. O professor observou a atuação dos grupos e entrevistou quando solicitado.

Os alunos vêm sendo orientados para as seguintes atividades: exercícios de expressão artística, descoberta do corpo e do espaço, jogo dramático, improvisações espontâneas e orientadas, criação de peças teatrais. A produção de encenações teatrais começa com a organização do trabalho cênico, obedecendo as etapas: elaboração do roteiro; ensaios, construção e marcação de ações cênicas; seleção de elementos visuais e sonoros (iluminação, sonoplastia, cenografia, ilustrações); apresentação teatral na escola, avaliação com debates e participação de alunos e professores .

Os alunos reunidos em pequenos grupos leram e analisaram suas primeiras produções e textos poéticos. Foram orientados pelo professor para elaborarem ao final, um conceito de suas vivências expressivas e corporais desenvolvidas na trajetória dos ensaios e produções artísticas teatrais. Após apresentação dos conceitos de cada grupo foi realizada uma avaliação para se chegar a formulação visual – exposição, *se autorizado*, das imagens dos educandos no momento das encenações – descritiva (textos das peças teatrais) e plástica ilustrativas – desenhos das situações e personagens das encenações – visando a produção de um *Acervo Cultural* dos trabalhos artísticos dos alunos.

O professor promoveu a elaboração de um objetivo geral da atividade formulando as seguintes perguntas: *por que foi escolhido este tema “A Linguagem Corporal Reclusa”?* *Onde queremos chegar realizando esta atividade?* *Nosso trabalho poderá conduzir o educando a uma reflexão sobre sua condição corporal reclusa aprendendo a lidar com limitações gestuais expressivas?* A elaboração de exercícios cênicos oportuniza reequilibrações permanentes para harmonização de relações interiores.

E aqui se encontra o sentido da reconstrução do ser - *apaziguar a revolta, a discórdia e a mágoa gerada com o abandono*. Pelo trabalho compassivo sobre a respiração – olhar para si mesmo, perceber o que é – e a redescoberta da auto imagem – ver-se em ação no momento da encenação – presenciamos uma gradual redução de danos psicológicos, físicos e emocionais provocados pelo encarceramento e a rotina do trabalho no sistema penitenciário. O olhar para si e o ver-se em ação constituem instrumentos efetivos do autoconhecimento. Daí o ser humano revela o que lhe é característico – ações, situações, conflitos e paixões – e pensa alternativas para a sua ação no mundo.

Após duas atividades – elaboração de conceitos sobre a realidade sociocultural dos internos (alunos) e o diálogo para compreensão dos objetivos da realidade que

temos – o professor e os alunos enunciaram o objetivo geral: realizar atividades globais de expressão artística integrando experiências em teatro, música, dança, artes plásticas, literatura, história, ensino religioso, educação física e ciências para o estudo da linguagem corporal e sua emancipação cênica por meio de um condicionamento expressivo buscando harmonização dos gestos, movimentos, formas e ritmos. Oportunidade singular para reconduzir os educandos a uma autopercepção do estado reclusivo prisional e sua superação visando equilíbrio físico, mental, emocional e espiritual.

Definido o objetivo, desenvolveu-se um exercício verbal com o propósito de discutir a realização prática do trabalho. O professor solicitou sugestões técnicas, apoio dos policiais, do setor de ensino em função da complexidade cotidiana experimentada, os riscos vividos durante as atividades e os recursos necessários se autorizados. Trata-se de reforçar nesta etapa da atividade *a importância do precário enquanto elemento substancial no processo de produção da unidade expressiva, síntese entre forma e reequilíbrio do movimento - a essência da gestualidade revelada. Expressar a tensão contida transmutada no corpo em formas alusivas ao nascimento da expressão interna – encontro de mãos, braços que se entrecruzam na diagonal refazendo círculos concêntricos. Retomam um elo de sentimentos explícitos na face do ator que do fundo do palco inicia um movimento giratório até os demais colegas concluírem em uma forma espiral.* Eis a metodologia do precário: a totalidade poética entre corpo e gesto. O risco torna-se motivo para o encontro com o que vai reunificar a vida. O corpo desfigurado pelas marcas e abatimentos de uma reclusão não apenas física, mas que configura todas as dimensões humanas – social, afetiva, psíquica, espiritual, mental, entre outras.

A Teatralidade do Precário reconduz a expressão a sua essência – estruturas internas vitais renascem para acolher o corpo enclausurado no cárcere da pressão. É o Laboratório de Expressão denominado “*A Linguagem Corporal Reclusa*”. Uma síntese de movimentos, gestos, ritmos, sons e formas corporais que habitam o cotidiano dos educandos e representam um potencial instrumento expressivo para harmonizar a dimensão socioemotiva dos alunos bem como ferramenta cênica gestual para construção de cenas – o olhar resignado ergue-se para a autopercepção de si e do outro, a audição principia o equilíbrio sonoro entre movimento e ritmo, a respiração precipitada dá lugar a concentração pela visualidade interna da forma que se realizará, o toque que deflagra a expressividade é intenso sem deixar de ser suave e se completa na entrega pela superação do medo.

A aceitação evidencia assim a certeza do acolhimento renascido. O ser volta ao mundo como se estivesse nascido novamente. Despido. Se os rótulos sociais permanecem sobre ele, a certeza do renascer o assombra. Pois, sentir-se inofensivo, indefeso e só reconduz para a morada interior. Embora esteja agora ventilado pela brisa da liberdade que deseja experimentar. E o que fazer? Se do acolhimento já se fez entrega. E da aceitação revelou-se a negação. O que antes se fez afirmativa passa a ser dúvida aprisionando verdades desconexas. Mas, isto é preciso reconhecer.



Fonte: Pesquisa de Campo – Fotos do Autor.

Figura 15: A Redenção das Crenças a Paz Universal. A Cena Detida, Centro de Detenção Provisória do Complexo Penitenciário da Papuda, de Agosto de 2008 a fevereiro de 2010. Concepção fotográfica/cênica/coreográfica: José Nildo de Souza.

" A arte não é um estado da alma (no sentido de algum momento extraordinário e imprevisível de inspiração), nem um estado do homem (no sentido de uma profissão ou função social). A arte é um amadurecimento, uma evolução, uma ascensão que nos torna capazes de emergir da escuridão para uma luz fantástica ". Grotowski.

Agora jaz a vida em toda a sua plenitude. E uma incerteza mais definida do que belas verdades acesas: discernir o estado de ser livre no casulo do sentimento que palpita – eis o que inflama a mágoa, o ressentimento, o abandono e o vazio. Vem então a clareza da condenação: aceitar a liberdade não por ser livre. Mas pela existência preceder o julgamento de atos e valores que não tornam um indivíduo humano em seu gênero e espécie. Apenas uma parte de si expõe-nos a travessia: o vôo que restaura a clareza da entrega ao viver como forma de doar-se e a recusa de um mundo insano em aceitar sua luz. Recolhe-se novamente na clausura do eu. Vê que o coração brilha lá dentro. Queima pela certeza de ser. Ser somente o que é. E vem a vontade de ajudar. E desta vontade, um poder que lhe é peculiar: atuar com

suas próprias capacidades no esforço coletivo. E elevar-se a um trabalho digno. A importância da participação e de ser solidário.

Apresentaram-se espontaneamente atores, cantores, dançarinos, desenhistas que ilustraram cenários e cartazes, organizando-se assim as equipes de trabalho. Foram selecionadas as seguintes técnicas: expressão corporal, desenhos, improvisações, encenações, sons corporais e ambientais, coreografia, elementos da linguagem cênica e visual. Desde o início do trabalho os alunos procuravam estabelecer uma relação entre as vivências das atividades artísticas no setor de ensino e os problemas do seu cotidiano na prisão – modos de agir, formas de andar, o estado gestual expressivo do corpo recluso, as possíveis formas legais de descondicionamento, a restauração da auto-estima para si e para o outro – com o objetivo de despertar nos espectadores o interesse para superação de problemas – prevenção ao uso indevido de drogas, sexualidade, DST/AIDS, ressocialização, entre outros. Havia, no entanto, muitas dúvidas sobre o ponto de partida da atividade: um texto único, uma colagem de textos, desenhos ou criação coletiva de histórias.



Fonte: Pesquisa de Campo – Fotos do Autor.

Figura 16: Pode-se definir o sujeito como uma qualidade fundamental da realidade. Compreende o entrelaçamento de múltiplos componentes que o caracteriza como “ente existencial”. Por um Protagonismo de Sujeito enquanto Ente coletivo. José Nildo de Souza. Registro: José Ivacy de Souza. Julho de 2007.

Alguns alunos sugeriram uma colagem dos textos já lidos e selecionados na primeira etapa, embora achassem muito difícil a tarefa. Após largas discussões, apareceram algumas sugestões inspiradas em posturas, modos de agir, formas de andar, gestos e expressões do cotidiano dos educandos. Finalmente os alunos chegaram a uma conclusão: elaborar um esquema propondo atividades de expressão artística diversificada - criação de histórias, teatro, desenho, redação, poesias (de

autores e/ou dos alunos), cartazes e diversos quadros cênicos e visuais que ilustrassem o tema *“A Linguagem Corporal Reclusa”*. O professor pediu para que os alunos organizassem grupos de acordo com o interesse comum. Recomendou-se que considerassem a seqüência dos títulos, quadros ou partes. Os alunos dividiram-se em grupos de acordo com a afinidade de idéias, seqüências e o modo de apresentá-la durante as atividades:

Tema: *A Linguagem Corporal Reclusa ou a Teatralidade Precária*.

Primeiro grupo: Criação de estórias.

- Situações Cotidianas: *“a marca da prisão na gestualidade corporal”, “a reconstrução de si”*.
- Laboratório de Expressão: *a redescoberta da auto-imagem*.

Segundo Grupo: Expressão Corporal.

- Situações Cotidianas: *“o olhar aterrorizado”, “a cabeça abaixada”, “o ombro encolhido”*.
- Laboratório de Expressão: *“a elevação dos ombros pela aceitação”, “o olhar para si e o ver-se em ação”*

Terceiro Grupo: Poesias e/ou contos.

- Situações Cotidianas: *“a vergonha e o medo”, “a respiração curta”, “o rosto jovem triste”*.
- Laboratório de Expressão: *“o acolhimento renascido”, “o equilíbrio sonoro entre movimento e ritmo”, “a respiração concentrada na visualidade interna da forma que se realizará”*

Quarto Grupo: Desenho e Ilustrações.

- Situações Cotidianas: *“velhice precoce”, “a expressão desesperada”, “a apatia”, “a compulsão religiosa”*.
- Laboratório de Expressão: *“formas corporais que desdobram a submissão gradualmente”*.

Quinto Grupo: Teatro.

- Situações Cotidianas: *“o choro e o toque de apoio”, “a mistura de dor e agonia”, “a perda de controle”*

emocional”, “o delírio e o grito”, “os tabus e os preconceitos”.

- Laboratório de Expressão: *“o precário como ressignificação da linguagem expressivas em função das condições mínimas de recursos disponíveis presentes”, “a entrega como superação do medo”.*

O professor destacou para os alunos a afinidade que havia entre os grupos. Estimulados, os alunos decidiram elaborar um esquema único para a seqüência de atividades de expressão artística:

- 1 – Teatro com Criação de Estórias e/ou montagem de textos de outros autores;
- 2 – Desenhos e/ou elaboração de cartazes ilustrativos sobre o tema “A Linguagem Corporal Reclusa”;
- 3 – Poesias e/ou Contos para Canções e Expressão Corporal.

A partir do esquema, o grupo foi orientado para elaborar um roteiro com o professor no qual deveriam figurar todas as etapas do desenvolvimento da atividade global, além dos respectivos recursos humanos – produtores, cinegrafistas, fotógrafos, publicitários (*se autorizados*) – para acompanhamento e registro visual bem como divulgação dos trabalhos dos educandos, equipamento sonoro, cenográfico (*se possível*) e elementos que destacariam a expressividade dramática nas composições cênicas – maquiagem, acessórios, objetos de cena, figurinos, etc. (*se devidamente aceitos pela administração penitenciária*). Para organizar o roteiro, o grupo vem elaborando primeiro as ações dos personagens em seqüência, discutindo os tipos físico-corporais, músicas adequadas, chegando assim, a um acordo final sobre a criação de um roteiro para atividades globais de expressão.

Referências

- AIRES, Carmenisia Jacobina e LOPES, Ruth Gonçalves de Faria. **Orientação para elaboração do PIL. Curso Educação na Diversidade.** UnB/DEX-MEC/SECAD. 2006.
- ALFABETIZAÇÃO E CIDADANIA – **Revista de Educação de Jovens e Adultos**, n. 19, julho de 2006. “Diversidade do Público da EJA”.
- AMATUZZI, Mauro Martins. **O Resgate da Fala Autêntica. Filosofia da Psicoterapia e da Educação.** Ed Papyrus. SP, 1989.
- NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade.** Coleção Trans. 2001.

- BITENCOURT, Cezar Roberto (1993). **A Falência da Pena de Prisão – Causas e Alternativas**. São Paulo: Revista dos Tribunais.
- BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido**. São Paulo. Brasil, 1987.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, J. C. **Les Héritiers: les Étudiants Et La Culture**. Paris: Minuit, 1975.
- BOURDIEU, Pierre. **Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002. (Pensamento Contemporâneo).
- BRANDÃO, Carlos R. **A Educação como Cultura**. SP, Brasiliense, 1985.
- BUARQUE, Sérgio C. **Metodologia de Planejamento e Desenvolvimento Local e Municipal Sustentável**. Brasília: MEPF/INCRA, 1999.
- CAMPANA, A. R. **Corpo, Pulsção, Expansão e Cidadania: Resgatando a Vida/Identidade**. Centro Reichiano. Foz do Iguaçu, 2004.
- CARNEIRO, Moaci A. **Temas de Educação Comunitária**. Petrópolis, RJ, Vozes, 1987.
- CARVALHO, Edgard de Assis. Prefácio. In: **Ética, Solidariedade e Complexidade**.
- CHALUB, Leila Martins. **Indicadores de avaliação dos projetos de Extensão da UnB**, 2008.
- CONTIN, Rafael Jamur. **Prisão versus Ressocialização**. Boletim Jurídico, Uberaba/MG. Nº 54/2003. In: www.boletimjuridico.com.br/doutrina/texto. Acesso em: 9 nov. 2007.
- Currículo de Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal**. SEEDF. Brasília, 2009.
- DELORS, J. **Educação: Um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO.
- EDUCAÇÃO & SOCIEDADE**. Campinas. V. 22, n. 76, p. 232-257, 2001. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/pesquisa>. Acessado em 04 de março de 2010.
- FREINET, C. **Pedagogia do bom senso**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____. **Conselho aos pais**. 2ª ed. Lisboa: Estampa 1974.
- FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade**. RJ, Paz e Terra, 1982.
- _____. **À Sombra Desta Mangueira**. São Paulo: Ed. Olho d'Água, 1995.
- _____. **Educação como Prática da Liberdade**. RJ: Ed. Paz e Terra, 1967.
- _____. **Educação e mudança**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1979.
- _____. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.
- _____. **Pedagogia da indignação**. São Paulo: UNESP, 2000.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.
- _____. **Política e educação**. São Paulo: Cortez Editora, 1993.

- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 18. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- FROMM, Erich. **O Coração do Homem**. RJ, Zahar, 1965.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. Trad. de Flávio Paulo Meurer. 2a ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- GALEANO, Eduardo. **O Teatro do Bem e do Mal**. L&PM. São Paulo, 2006.
- GANDIN, Danilo. **Planejamento como Prática Educativa**. Editora Loyola, 1983.
- GARAUDY, R. **Dançar a vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- GOFFMAN, Ervin (1961). **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Perspectiva.
- GROTOWSK, Jerzy. **Em Busca de Um Teatro Pobre**. SP, Civilização Brasileira, 1971.
- GUSDORF, Georges. **A Fala**. Porto Despertar, 1970.
- HABERMAS, J. **Técnica e Ciência como Ideologia**. Lisboa: Edições 70, LDA, 1968.
- Histórias dos Museus** – Florença, Veneza, Vaticano, Louvre, Londres, Egito, África, México e Índia. Brasil. 1970.
- JULIÃO, Elionaldo Fernandes. **Política Pública de Educação Penitenciária: contribuição para o diagnóstico da experiência do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Departamento de Educação da PUC, 1993 (Dissertação de Mestrado).
- _____. **Educação e Trabalho como Propostas Políticas de Execução Penal**. *Revista de Educação de Jovens e Adultos: Alfabetização e Cidadania*. Brasília: RAAAB/ UNESCO/ Governo Japonês, 2006.
- JUNIOR, Arnaldo Xavier. **A Execução Penal no Brasil** (Monografia de Pesquisa). Direito Net. In: mono\Direito Net - Artigos – htm, 2006.
- KLOOS, Vanderlei. **Ressocializar X Retribuir**. FEC/ Direito Net, 10º Período. SP, 2003.
- LABAN, R. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.
- _____. **Dança educativa moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.
- _____. **Dance in general**. In: *The Laban Art of Movement Guild* nº 26, London, 1961.
- LANGER, Suzanne. **Sentimento e Forma**. Cia das Letras. SP, 1985.
- LEMGRUBER, Julita. **Cemitério dos Vivos: análise sociológica de uma prisão de mulheres**. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 1999.

MAEYER, Marc de. **Na prisão existe a perspectiva da educação ao longo da vida?** *Revista de Educação de Jovens e Adultos: Alfabetização e Cidadania*. Brasília: RAAAB/ UNESCO/ Governo Japonês, 2006.

MATURANA, H., VARELA, F. **Autopoiesis And Cognition**. Boston: D. Reidel, 1980.

_____, H., _____, F. **A Árvore do Conhecimento**. Campinas: Psy II, 1995.

MIRABETE, Júlio Fabrini. **Manual de Direito Penal**. Vol. 1. 13 ed., SP: Ed. Atlas. 1998.

MORIN, Edgar, **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. SP: Cortez, 2000.

_____. **A Noção de Sujeito**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, PUC, 1995.

NORTH, M. **Movement And Dance Education**. UK: Northcote House, 1990.

OLIVEIRA, A. M. M. **Célestin Freinet: Raízes Sociais e Políticas de uma Proposta Pedagógica**. Rio de Janeiro: Papéis e Cópias de Botafogo, 1995.

OLIVEIRA, Edmundo. **Política Criminal e Alternativas à Prisão**. 2ª E. RJ: Forense, 1997.

OMAR, A. Bravo, AZEVEDO, Rodrigo G. **Matriz Curricular nacional para a Educação em Serviços Penais**. Brasília: Ministério da Justiça/Departamento Penitenciário Nacional, 2006.

OSBORNE, Harold. **Schiller e a Educação Estética do Homem**. Em "Estética e Teoria da Arte". São Paulo. Cultrix, 1970.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. MEC, 2002.

_____. MEC, Distrito Federal: MEC/SEF, 1996.

POLLOCK, Jackson. Nova York, 1969.

PROGRAMA REDUÇÃO DE DANOS. Ministério da Saúde. Governo Federal. Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República. Brasil/Brasília, março de 2007.

RANGEL, Hugo – **“Perspectiva Comparada de Práticas Educativas: síntese para Vincular a Educação e a Justiça”**. Trabalho apresentado durante o Seminário Nacional sobre Educação nas Prisões, realizado em Brasília, de 12 a 14 de julho de 2006.

Relatório Nacional Para o Direito Humano À Educação (Documento). Plataforma Brasileira de Direitos Humanos, Econômicos, Sociais, Culturais e Ambientais. Governo Federal – Brasil. Um País de Todos. Fórum da Sociedade Civil (FISC). Belém do Pará, 2009.

REVERBEL, Olga. **O Teatro em Sala de Aula**. Scipione. Rio Grande do Sul, 1960.

RODRIGUES, Jadete Nóbrega. **A Ressocialização de Detentos Através da Teatralidade Precária**. ENAP. Bsb, 2008.

RODRIGUES, Neidson. **Educação: da formação humana à construção do sujeito ético**. São Paulo. 1999.

SAMPAIO, R. M. W. F. **Freinet: Evolução histórica e atualidades**. 2ª ed. São Paulo: Scipione, 1994.

SAVATER, Fernando. **Ética para Meu Filho**. 5ª edição. Martins fontes, 2004.

SCARPATO, MT. **O Corpo Cria, Descobre e Dança com Laban e Freinet**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação Física/Unicamp, Campinas, 1999.

SOTER, S. **A educação somática e o ensino da dança**. In: *Lições de dança 1*. Rio de Janeiro: UniverCidade, 1998.

SOUZA, José Nildo de. **A Cena Detida**. Mostra de Teatro, Música e Dança do Centro de Detenção Provisória. Curta Documentário. Papuda. Brasília, outubro de 2008.

_____. **A Escassez do Gesto Precário**. Mostra de Teatro, Música e Dança da Ala de Tratamento Psiquiátrico da Penitenciária Feminina. Brasília, dezembro de 2009.

_____. **A Cartilha do Ser Social**. Brasília, 2007.

_____. **Matrizes para a Ressocialização**. Brasília, 2006.

_____. **A Construção do Ser Social** (Projeto/Prática Ressocializadora) SEEDF/SEJUS/SSP, 2006.

_____. **Políticas Educacionais: Por Um Protagonismo do Ser Social Carcerário**. Monografia de conclusão do Curso de Pós Graduação – Lato Sensu - em *Educação Especial no Sistema Penitenciário com Ênfase em Política Social e Direitos Humanos* – Faculdade de Tecnologia Equipe Darwin (FACTED), Brasília. De junho 2006 a agosto de 2008.

_____. **A Linguagem Corporal Reclusa ou A Teatralidade Precária.** Prática Ressocializadora, vídeo e mídia documentada. Complexo Penitenciário da Papuda, Brasília. De fevereiro de 2006 a março de 2010.

TEIXEIRA, Elenaldo. **O Local e o Global: Limites e Desafios da Participação Cidadã.** SP: Cortez, 2001.

ULHÔA, JOEL PIMENTEL. **O Professor e sua Prática. Educação e Filosofia.** Uberlândia: v. 12, n. 24, p. 187-203, jul./dez., 1998.

UNB/FE. **Texto Orientador da Elaboração Colaborativa do Projeto Institucional.** 3º Curso de Especialização em Educação Continuada e a Distância 1999-2000. Brasília: 2000.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem.** SP: Martins Fontes, 2003.

WOODFORD, Susan. **A Arte de Ver a Arte: História da Arte da Universidade de Cambridge.** Círculo do Livro. São Paulo, Brasil. 1983.